



JORNAL do ALGARVE

FUNDADOR: JOSÉ BARÃO

DIRECTOR: ANTÓNIO BARÃO

ANO 12.º

SABADO, 22 DE MARÇO DE 1969

AVENÇA

N.º 626

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DO ALGARVE

EDITOR — JOSÉ MANUEL PEREIRA

PROPRIEDADE — V.º e HERD.º DE JOSÉ BARÃO

OFICINAS: EMP. LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — TELEF. 254

LISBOA — TELEF. 361839

FARO — TELEF. 93156

AVULSO 2\$00

É GRANDE O REGOZIO NO ALGARVE PELA CRIAÇÃO DO CURSO GERAL DE COMÉRCIO nas Escolas Técnicas de Tavira e Vila Real de Santo António

JUSTA ASPIRAÇÃO QUE SE CONCRETIZA EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPREENSIVEL alegria provocou em Vila Real de Santo António a notícia de que fora superiormente autorizado o funcionamento do Curso Geral de Comércio na Escola Industrial e Comercial desta Vila.

A boa nova foi festivamente recebida, troando foguetes e morteiros e tendo o sr. presidente da Câmara Municipal dirigido telegramas de agradecimento aos srs. ministro de Educação e governador civil do distrito.

A oportuna medida veio beneficiar largo sector da juventude não só daquele concelho como dos de Castro Marim e Alcoutim, que na Escola apenas tinham acesso aos cursos de Formação Feminina e de Serralheiro, Carpinteiro ou Electricista, com as desvantagens e limitações que por várias vezes neste jornal referimos. Registrando a Escola, desde a sua entrada em actividade, há dez anos, extraordinária frequência, a traduzir o grande empenho posto na própria valorização por muitas centenas de rapazes e raparigas, foi este empenho

(Conclui na 5.ª página)

O FUTURO DE UMA CIDADE...

por Luís M. Horta

ESTAVA previsto. Mas Tavira não sabia, não tinha ainda a certeza... Apesar do *Jornal do Algarve* ter feito inserir essa esperança na sua primeira página do número anterior, ela apenas passou a certeza, pelo menos para nós, a partir do início da presente semana. Parece de relativa importância mas tem-na, e muita. Trata-se da secção comercial criada agora na Escola Técnica de Tavira, que, segundo parece, irá já funcionar no próximo ano lectivo.

Ficámos satisfeitos. Bastante mesmo. E uma causa, embora humildemente, já defendida há muito por nós. Aceitou-se a criação da Escola apenas como Técnica, como não podia deixar de ser. O rapazito, sedento de guloseimas, aceita sempre um só rebaçado, mesmo

(Conclui na 5.ª página)

NOTA da redacção

QUANDO AS PESSOAS ACREDITAM NO BOATO

sas para que o próximo tremor de terra não a apanhasse desprevenida.

De nada serviram os comunicados na Imprensa, na Rádio e na Televisão e as opiniões dos cientistas garantindo que, no actual estado da Ciência, não é possível prever os sismos.

Infelizmente, as pessoas dão mais importância às credências populares e às afirmações dos charlatões do que às dos sábios. Sempre assim foi. Em todas as épocas, as pessoas honestas foram aquelas que mais facilmente conseguiram fazer-se entender pelas outras. Uma mentira bem elaborada atrai muito mais adeptos do que uma verdade dita com simplicidade e sem artifícios.

Mesmo nos nossos dias em que o progresso e a cultura deveriam tornar as pessoas mais esclarecidas, chega-se à conclusão de que um simples boato, sem bases científicas, pode convencer melhor e espalhar o pânico. O boato é terrível e tem um poder de expansão maior do que o terramoto. Em pouco tempo, é conhecido a centenas de quilómetros do epicentro.

E é tão perigoso as pessoas continuarem assim receptivas às ideias e palavras falsas, desde que sejam bem forjadas e lançadas no momento oportuno!

OS 50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA DE ASSIS ESPERANÇA

Assis Esperança, natural de Faro, foi homenageado pela Casa do Algarve em Lisboa, que celebrou o cinquentenário da sua vida literária. Efectivamente, medelam já cinquenta anos depois da publicação do seu primeiro romance, «A Vertigem». Foi esta data e uma vida dedicada à literatura com uma obra de extraordinário interesse no panorama português, que a Casa do Algarve não quis deixar passar esquecidas.

Novelista, romancista e dramaturgo, Assis Esperança, galardoado já com o «Prémio Ricardo Malheiros», vê hoje reconhecido o seu extraordinário talento, tendo alguma das suas obras traduzidas no estrangeiro.

Na sessão da Casa do Algarve, o escritor teve a analisar a sua obra e a sua vida outros nomes conhecidos da nossa literatura: Hernâni Cidade, que acentuou o cunho de humanismo de que se impregnaram todos os romances do escritor; Júlio Conrado, que se referiu à dignificação constante do homenageado no decurso da sua obra; D. Maria do Carmo Lopes, que leu um trecho do homenageado.

Todos os oradores puseram em relevo a importância da social na obra de Assis Esperança. Dela efectivamente ressaltou um especial amor pelos humildes, que, de livro para livro, surge muito mais nítido e que dá ao autor características próprias.

Janela do MUNDO

pelo dr. MATEUS BOAVENTURA

O PERIGO DE DEVOLVER AQUILO QUE NÃO É NOSSO

Um simples acto de honradez, dos mais banais, daqueles que, felizmente, até se repetem ainda nos nossos dias, causou um grande burburinho internacional e deu que falar na Imprensa, na Rádio e na Televisão. Apenas porque um operário português residente em Paris encontrou, no dia da passagem de Nixon pelos Campos Elíseos, um botão de punho do Presidente e o

(Conclui na 4.ª página)

PALAVRAS DO SR. DR. ANTONIO MANUEL CAPA HORTA CORREIA, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Foram-me pedidas pelo *JORNAL DO ALGARVE* umas palavras a propósito da criação do Curso Geral de Comércio na Escola Industrial e Comercial desta Vila.

Trata-se da concretização de uma legítima aspiração deste concelho, já anterior à criação, em 19 de Julho de 1958, da Escola Industrial e Comercial nesta vila, e cuja falta cada ano mais se fazia sentir, dado que os cursos actualmente leccionados não ofereciam à juventude desta região possibilidades de realização da própria vocação, encaminhando quase forçosamente para determinadas profissões que eram aceites como único meio de obter uma remuneração.

Agora, oferece-se um panorama totalmente diferente, proporcionando-se a escolha da profissão que se pretende. O Curso Geral de Comércio será

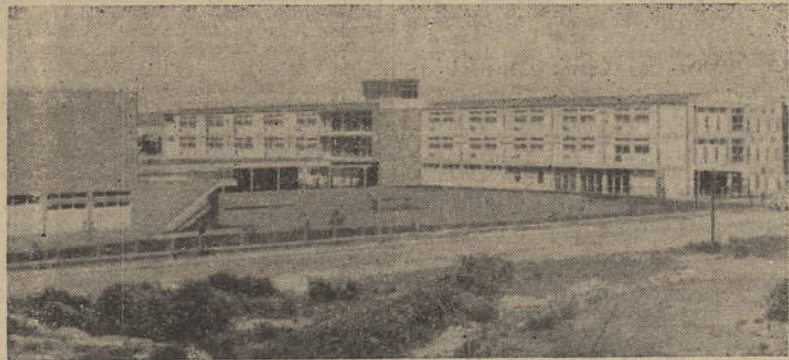
(Conclui na 5.ª página)

PALAVRAS DO SR. DR. JOSÉ CAMPOS COROA DIRECTOR DA ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Ante a criação do Curso Geral de Comércio na Escola Industrial e Comercial de Vila Real de Santo António, que Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional se dignou homologar recentemente, estão de parabéns todas as pessoas que — por interesses próprios, por laços afectivos, por razões de consciência profissional ou por se aperceberem de que o progresso do País não poderá processar-se, efectivamente, se os jovens saídos das escolas não desempenharem, na sociedade, uma acção concordante com as suas aptidões naturais — estejam ligadas à obra de educação e de promoção social que o estabelecimento de ensino secundário, oficial da Vila, necessariamente, tem em vista.

Se a educação não pode deixar de lutar pelo desabrochar harmonioso de cada individualidade, através de um estudo sensato e hábil que permita

(Conclui na 5.ª página)



Fachada do corpo central da Escola Técnica de Vila Real de Santo António

A NOTÁVEL EVOLUÇÃO REGISTADA NO BANCO DO ALGARVE FOI APRECIADA EM RECENTE ASSEMBLEIA GERAL

PERANTE elevado número de accionistas reuniu a assembleia geral ordinária do Banco do Algarve, prestigiosa instituição com relevantes serviços prestados à economia regional, de que constitui firme apoio. O acto realizou-se nas instalações sociais em Faro, sob a presidência do sr. Virgílio Martins Caiado.

Em nome do conselho de administração, o administrador sr. Luís Gonçalves Camarada, fez clara e minuciosa exposição sobre a grande evolução registada naquele Banco, nos últimos cinco anos. Sobre a carteira de depósitos, referiu que o aumento verificado foi de 184 000 contos, o que significa uma taxa média anual de aumento da ordem dos 17% e cerca de 85% durante o citado período de cinco anos. Quanto à carteira comercial, principal meio de outorga de crédito, o aumento naquele período foi de 101 000 contos, representando um acréscimo de perto de 80%. De elevado interesse ainda a elevada taxa de liquidez do Banco, correspondendo às disponibilidades a mais de 37% do montante dos depósitos.

O sr. Luís Camarada teve ainda oportunos considerandos sobre a necessidade de dar ao Banco nova dimensão geográfica, assunto que

(Conclui na 6.ª página)

PELOS MUNICÍPIOS

FOI nomeado presidente da Câmara Municipal de Loulé, o sr. eng. Américo Lopes Serra.

O sr. António Hilário de Paula Júnior foi nomeado vice-presidente da Câmara Municipal de Lagoa.

VISADO PELA DELEGAÇÃO
DE OENSURA

NOVO ESPECTÁCULO DA PRÓ-ARTE VAI REALIZAR-SE EM FARO

A NUNCIA-SE para 7 ou 8 do próximo mês, novo espectáculo promovido pela delegação da Pró-Arte, e que se integra na linha de alto nível artístico das precedentes realizações. De novo a arte vai acontecer na capital algarvia e toda a Província terá o ensejo de assistir a um sarau de excepcional interesse. Assim a Pró-Arte, que é dirigida pelo insigne maestro olhanense Ivo Cruz, vem de novo até nós com a sublime mensagem que nos advém dos valores do espírito.

O programa comporta duas partes, tendo o sector musical sido confiado à grande pianista louletana D. Maria Campina, nome bem conhecido através das suas múltiplas actuações, detentora de todos os prémios do Conservatório Nacional de Lisboa e laureada com 20 valores por aquele prestigioso instituto, que executará a sonata op. 75, «Apassionata», de Beethoven; o «Nocturno», em ré bemol maior, de António Fragoso e a «Balada» em sol menor de Chopin.

A outra parte é constituída pela declamação de poemas dos conhe-

(Conclui na 7.ª página)

SEGUNDO O ACORDO ESTABELECIDO ENTRE OS GOVERNOS DOS DOIS PAÍSES IBÉRICOS COMEÇARÃO EM BREVE AS OBRAS DA BARRA DO GUADIANA DOTANDO ESTE RIO DAS CONDIÇÕES INDISPENSÁVEIS À NAVEGAÇÃO — AFIRMOU NA ASSEMBLEIA NACIONAL O ALMIRANTE HENRIQUE TENREIRO

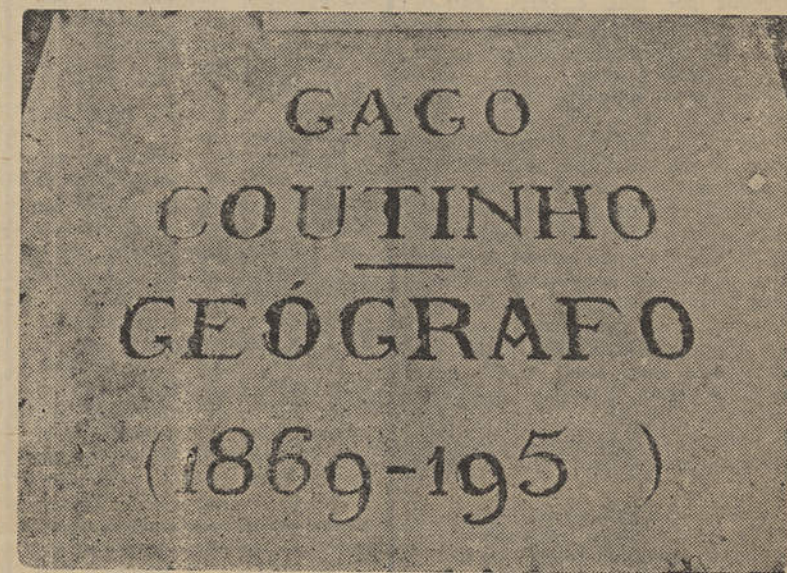
NA sua intervenção de 14 deste mês na Assembleia Nacional, o sr. almirante Henrique Tenreiro abordou diversos assuntos do maior interesse para a nossa Província. Reproduzimos a seguir algumas passagens do seu discurso:

Muito agradecido está o povo algarvio pelas medidas que estão sendo tomadas pelo Governo, para minorar os elevados prejuízos causados pelo sismo, acudindo imediatamente aos desalojados; reedificando os edifícios públicos danificados; reconstruindo as habitações abaladas e utilizando casas desmontáveis para solucionar uma situação de emergência. Não esquece, também, em especial o apoio imediato dispensado, quando poucas horas após se ter registado o violento tremor de terra ali acorreu o sr. ministro das Obras Públicas, com o fim de se tomarem as primeiras e decisivas providências. O que o seguro não cobre passou, por iniciativa própria, à responsabilidade do Governo, num imediato socorro aos mais infelizes da mais pavorosa madrugada, ainda guardada com emoção na nossa memória.

Espera o Algarve, proximamente, manifestar o seu reconhecimento pela concretização de outras soluções, que vem aguardando, para resolver todos os seus problemas

(Conclui na 4.ª página)

algarvio pelas medidas que estão sendo tomadas pelo Governo, para



Esta lápida que cobre, em campa rasa, os despojos de Gago Coutinho, foi mandada gravar por ele próprio, ainda em vida. O famoso cientista previa morrer antes de 1960 e efectivamente, faleceu em 1959.

GAGO COUTINHO GLÓRIA DE DUAS PÁTRIAS

III — O INVESTIGADOR DA HISTÓRIA

por GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS

A ACTIVIDADE operosa de Gago Coutinho também incidu sobre a investigação histórica. Neste capítulo dedicou-se principalmente ao estudo e crítica da época dos Descobrimentos. Marinheiro experiente e geógrafo distintíssimo, analisa e estuda à luz da ciência náutica, os factos narrados pelos cronistas da época.

Com honestidade sem limites, procura dar achegas para o esclarecimento das razões que levaram os nossos primeiros navegadores a empreenderem determinadas rotas. Cria um corpo de doutrina sobre a técnica náutica utilizada nos séculos XV e XVI, relativamente às caravelas dos descobrimentos, com fundamento nas origens destas e na arte de velejar. Para fundamentar a sua doutrina faz o estudo dos ventos dominantes, e das correntes marítimas e nessa base estabelece as suas teorias. Faz a apreciação crítica, náutica, da viagem de Vasco da Gama in «Diário de Vasco da Gama», versão portu-

(Conclui na 7.ª página)

A saúde é a maior riqueza

Doenças que a água transmite

Os ovos de parasitas presentes na água são retidos pela filtração. Mas isto só se verifica quando o filtro está perfeito e é lavado frequentemente, o que nem sempre acontece. A fervura é medida mais eficiente, pois destrói os germes causadores da doença, que podem ser veiculados pela água.

Beba sempre água filtrada, mas se quiser ter maior segurança, prefira água previamente fervida.



Banco Borges & Irmão

Relatório e Contas

Senhores Accionistas:

Em conformidade com as previsões constantes do relatório que oportunamente submetemos à esclarecida apreciação de V. Ex.ª, juntamente com o balanço e contas do exercício de 1967, o ano passado desenvolveu-se, do ponto de vista económico, como prolongamento do anterior, sendo ambos dominados fundamentalmente pelas mesmas tendências.

No decurso de 1968, verificaram-se os efeitos de alguns factores expansionistas vigorosos, sobretudo na América do Norte, embora mesmo esses factores expansionistas suscitem reservas, por admitir-se que os acréscimos de consumo encontrem larga contrapartida em restrições de poupança. Também se mostrou em termos favoráveis a situação económica na Alemanha, já refeita da recessão sofrida em 1967. Mas, não é possível fazer assentar nessas circunstâncias um juízo seguro relativo a uma evolução satisfatória dos condicionalismos económicos internacionais.

Foram nítidas as elevações de preços e de salários na Europa Ocidental; e notou-se também nesta zona alguma quebra de exportações, sobretudo em relação à França e à Itália, a qual se procurou compensar através de maiores procuras internas.

A fragilidade dos sistemas monetários, que fora posta em destaque pela desvalorização da libra e outras moedas em 1967, não deixou de se sentir constantemente no decurso do ano de 1968, através de frequentes alarmes quanto ao nível de cotações monetárias e quanto ao mercado do ouro, dominado por comportamentos especulativos. A situação criada levou os Estados Unidos a suprimir a exigência legal de cobertura ouro destinada a garantir a circulação fiduciária norte-americana; e conduziu à profunda reforma do Fundo Monetário Internacional decidida em Junho pelo Conselho de Governadores daquele Fundo. Entretanto, a África do Sul preparou-se para fornecer o ouro necessário à reconstituição das reservas dos bancos centrais de diversos países.

As tentativas orientadas no sentido dum alargamento do âmbito geográfico do Mercado Comum Europeu, pela adesão da Grã-Bretanha e outros países, continuaram a mostrar-se infrutíferas. E tais frustrações vieram avolumar ainda as dúvidas e indecisões sobre a estruturação futura dos grandes espaços económicos esboçados no Continente Europeu, sobre a viabilidade dessa estruturação e sobre os riscos inerentes aos esforços de adaptação das economias nacionais àqueles espaços.

O condicionalismo externo sucintamente referido criou naturalmente dificuldades às exportações portuguesas, designadamente às exportações de «invisíveis», operadas através do turismo; e também pelos efeitos sobre as remessas dos emigrantes portugueses, aquele condicionalismo externo afectou o regular ingresso de cambiais no espaço português. Sob a pressão destes factores externos e duma procura interna cuja curva ascendente a oferta tem dificuldade em acompanhar, se desenvolveu a economia portuguesa, no decurso de 1968.

Os preços no consumidor revelaram um aumento que se fez sentir sobretudo nas grandes cidades; mas os aumentos de salário foram ainda mais sensíveis no comércio, na indústria e na agricultura. E a subida de salários na agricultura não foi ainda maior porque o êxodo rural se tornou um pouco menos intenso e porque os custos de produção atingidos neste sector levaram a uma redução considerável de áreas cultivadas. Este retraimento por parte da lavoura põe novamente em relevo a necessidade de

rever o processo de formação dos preços na produção agrícola, cuja evolução tem sido mais lenta que a dos preços dos serviços e dos produtos da indústria.

Não são de excluir vícios de estrutura do sector agrícola pelo que respeita à organização da produção, vícios que, aliás, se hão-de encontrar também noutros sectores. E, para além deles, a posição relativamente desfavorável deste sector depende da sua insuficiente capacidade de produção. Verifica-se aliás que a lavoura portuguesa se está retraindo em face dos seus elevados custos de produção, apesar da sucessão de dois anos agrícolas satisfatórios, sobretudo no sector cerealífero.

As dificuldades sentidas pelas nossas indústrias não têm ainda permitido, como noutros países, que os modestos rendimentos da lavoura sejam compensados amplamente no conjunto do produto nacional.

Aqueles dificuldades parecem imputáveis, em termos gerais, ao esforço de adaptação a espaços económicos mais vastos e à insuficiente formação de capitais, que implica sacrifícios de consumos.

Em economias de produção mais diversificada e experimentada, podem os aumentos de consumo constituir novos estímulos para as respectivas produções nacionais; mas em economias menos desenvolvidas os aumentos de consumo que excedem a satisfação de necessidades primárias reclamam bens de origem externa, por tal forma que o fluxo de importações sobreleva os estímulos à produção nacional que os aumentos de consumo determinam. Daí que os esforços no sentido da industrialização exijam normalmente sacrifícios de consumos, os quais nem sempre podem realizar-se, pois a sua aceitação depende, em larga medida, de factores exógenos em relação ao processo económico.

Planeamentos seguros de realizações, hierarquização de fins e meios impõem-se no panorama económico português. E à luz deste, as instituições bancárias assumem um relevo ainda maior do que aquele que lhes corresponde em estruturas económicas estabilizadas, situadas para além duma fase de transformação. Assim o tem entendido, há muito, o vosso Banco. Os números que são apresentados a V. Ex.ª para apreciação na Assembleia Geral ordinária convocada, reflectem esse entendimento, pois o Banco Borges & Irmão tem sido impulsionado pela consciência da função social da sua própria actividade, a qual tem de ser mais nítida ainda neste sector que em qualquer outro.

O vosso Banco, tendo sempre presente as suas responsabilidades no plano da Economia Nacional e procurando acima de qualquer outro escopo, embora legítimo, bem cumprir a sua missão, manteve sempre, a par da sobriedade de atitudes que é tradicional na Banca, a intransigente defesa de rigorosos princípios de concorrência leal. Manteve-se, em suma, a mais escrupulosa ortodoxia de processos.

Com as limitações impostas pelos condicionalismos conjunturais, este Banco continuou a dar e até reforçou substancialmente o seu decidido e sempre criterioso apoio aos diversos sectores da economia nacional; designadamente àqueles em relação aos quais desde sempre tem mantido posição de relevo, sem prejuízo da expansão geográfica e da diversificação sectorial também realizadas. O aumento da carteira comercial no último exercício bem documenta os assinaláveis serviços prestados pelo Banco à Economia Portuguesa. E melhor se avaliará desses

serviços em face de uma análise cuidada da distribuição da referida carteira comercial.

As preocupações de cumprir do Banco Borges & Irmão não se circunscrevem ao espaço metropolitano português. A sua acção projectou-se amplamente no plano das relações comerciais entre a Metrópole e o Ultramar, tanto por forma directa, através das operações realizadas pelos seus estabelecimentos, como indirectamente, através do Banco de Crédito Comercial e Industrial, empresa bancária afiliada que constitui importante factor dinamizante, de grande relevo, nas economias angolana e moçambicana.

O ano de 1968 foi assinalado, na vida interna do Banco, Borges & Irmão, por tarefas vastas de actualização de estruturas e serviços que não passaram despercebidas ao público seu principal beneficiário, o qual tem acompanhado com carinhoso interesse as obras de ampliação, remodelação e modernização das instalações e equipamento da Sede, Filial e numerosos outros estabelecimentos. Também o Banco se expandiu no sentido geográfico, levando a sua presença à Ilha da Madeira, com a abertura da agência do Funchal, a mais duas capitais de distrito do Continente — Aveiro e Viseu — e a Alcácer do Sal. Novas Dependências urbanas foram abertas em Lisboa, na Avenida de República, e no Porto, na Rua de Santa Catarina.

Dentre os números referidos à data do fecho do exercício de 1968, mais significativos da posição do Banco e do trabalho realizado, mencionamos os respeitantes a Capital e Reservas 588 701 605\$92, a Caixa e Depósitos no Banco de Portugal 1 907 699 431\$06, a Depósitos 10 333 660 052\$00 e a Carteira Comercial 6 646 381 920\$11.

Tendo em vista a referida posição do Banco e os resultados obtidos que, em termos contabilísticos, se cifram no montante de lucros líquidos de Esc. 56 420 586\$23, o Conselho de Administração propõe para estes lucros a seguinte distribuição:

Fundo de Reserva Legal	Esc. 36 000 000\$00
Cumprimento do n.º 2 do art.º 30.º dos Estat.	Esc. 4 339 806\$00
Dividendo (cativo de imposto)	Esc. 15 000 000\$00
Conta Nova	Esc. 1 080 780\$23

Aprovada esta proposta, o Capital e Reservas elevar-se-ão a Esc. 624 701 605\$92.

Continuou a acompanhar as actividades do Banco pela forma criteriosa e dedicada de sempre o Ex.º Conselho Fiscal, ao qual este Conselho de Administração renova os protestos da sua muita consideração e alto apreço.

O Pessoal do Banco foi inextinguível de zelo, dedicação e competência, mostrando-se sempre bem compreensivo da importância e delicadeza das suas funções, sem o bom cumprimento das quais os satisfatórios resultados atingidos não seriam possíveis. O Conselho de Administração tem muito prazer em manifestar-lhe o seu reconhecimento e reafirmar-lhe a sua muita estima.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Júlio Anahory do Quental Calheiros (Conde da Covilhã)
José da Silva Braga
Miguel Gentil Quina
Miguel Rezende
Rui de Carvalho e Cunha Fortes da Gama
Antão Santos da Cunha

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1968		ACTIVO
DISPONÍVEL E REALIZÁVEL		
Caixa e Depósito no Banco de Portugal	1 907 699 431\$06	
Depósitos noutras Instituições de Crédito	298 734 770\$41	
Promissórias de Fomento Nacional	93 000 000\$00	
Correspondentes no Estrangeiro	307 736 874\$34	
Ouro, Moedas e Notas Diversas	21 763 664\$33	
Carteira de Títulos e Cupões	223 944 976\$24	
Carteira Comercial	6 646 381 920\$11	
Letras sobre o Estrangeiro	46 197 349\$49	
Correspondentes no País	428 015 792\$99	
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	452 522 422\$32	
Devedores e Credores	338 129 637\$89	
Accionistas	—\$—	
Empréstimos a mais de um ano	381 483 970\$66	
Outros Valores Realizáveis	7 359 501\$00	11 152 970 310\$84
IMOBILIZADO		
Participações Financeiras	110 072 620\$00	
Imóveis	203 072 185\$27	
Amortização (a deduzir)	9 147 088\$88	
Imobilizações Diversas	74 848 098\$95	378 845 815\$34
OUTRAS CONTAS DO ACTIVO		
Dividendos Antecipados	—\$—	
Contas Diversas	4 083 286 055\$68	
	15 615 102 181\$86	
CONTAS DE ORDEM		
Valores de Conta Alheia	4 533 365 932\$41	
Valores Recebidos em Caução	2 302 420 239\$77	
Devedores por Garantias e Avals Prestados	1 575 197 285\$38	
Devedores por Aceites	506 079 699\$40	
Devedores por Créditos Abertos	371 033 122\$42	
Outras Contas de Ordem	510 871 197\$24	9 798 967 476\$92
	25 414 069 658\$78	

O CHEFE DA CONTABILIDADE Arnaldo Albuquerque Pinto de Castilho

CONTA DE LUCROS E PERDAS DO EXERCÍCIO DE 1968		DEBITO
Juros e comissões a nosso cargo	167 916 268\$30	
Contribuições e impostos	13 915 426\$10	
Despesas com o pessoal	120 492 520\$48	
Despesas gerais	31 056 290\$85	
Encargos diversos	1 174 966\$40	
Provisões e amortizações	32 937 521\$73	367 492 993\$96
Saldo		56 420 586\$23
		423 913 580\$09

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

O Conselho Fiscal analisou atentamente, conforme lhe cumpria, o Relatório, Balanço e Contas apresentados pela Administração e respeitantes ao ano social de 1968, os quais correspondem, com o maior rigor, aos exames de contas e valores a que este mesmo Conselho procedeu no decurso do respectivo exercício. Pode, assim, o Conselho Fiscal, na base do mais amplo esclarecimento, manifestar o seu inteiro acordo relativamente àqueles documentos, assim como a toda a marcha dos negócios sociais, que sempre encontrou na melhor ordem.

O relatório do Ex.º Conselho de Administração dá-nos conhecimento sucinto do condicionalismo externo e interno em face do qual o Banco teve que actuar. Mas só quem, como os membros deste Conselho Fiscal, teve o ensejo de acompanhar

de perto essa actuação sabe até que ponto ela se mostrou avisada, prudente e esclarecida, através das múltiplas opções que, sempre ao melhor nível de inteligência, dignidade e correcção de processos, o Ex.º Conselho de Administração soube realizar. Faltaria a um dever de justiça o Conselho Fiscal se não desse muito especial relevo àquela actuação.

Achando-se a proposta de aplicação de lucros líquidos do exercício de 1968 constante do Relatório do Ex.º Conselho de Administração absolutamente de harmonia com todos os elementos da contabilidade da empresa, e correspondente também à mais equilibrada ponderação dos interesses a considerar para o efeito e tendo presente o parecer favorável emitido pelo Ex.º Conselho Geral do Banco, o Conselho Fiscal tem a honra de

propor:

- 1 — que sejam aprovados o Relatório, Balanço e Contas do exercício de 1968,
- 2 — que seja dado ao saldo da conta de lucros e perdas a aplicação proposta pelo Conselho de Administração,
- 3 — que seja louvado o Conselho de Administração pela acção desenvolvida.

Porto, 22 de Janeiro de 1969

O CONSELHO FISCAL

Afonso Corrêa Leite
José Gualberto de Sá Carneiro
Manuel Pinto de Azevedo Júnior

PASSIVO	
EXIGÍVEL	
Depósitos à Ordem — Moeda Nacional	4 810 606 004\$52
Depósitos à Ordem — Moeda Estrangeira	7 767 920\$09
Depósitos com Pré-Aviso — Moeda Nacional	843 295 951\$91
Depósitos com Pré-Aviso — Moeda Estrangeira	—\$—
Depósitos a Prazo — Moeda Nacional	4 671 990 175\$48
Depósitos a Prazo — Moeda Estrangeira	—\$—
Cheques e Ordens a Pagar	164 890 452\$65
Exigibilidades Diversas	4 758 504\$78
Correspondentes no País	9 276 791\$27
Correspondentes no Estrangeiro	6 022 755\$12
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	10 804 888\$31
Devedores e Credores	123 163 120\$11
	318 916 512\$24
	10 652 576 564\$24
NÃO EXIGÍVEL	
Contas Diversas e Provisões	4 317 403 425\$47
CAPITAL E RESERVAS	
Capital	250 000 000\$00
Fundo de Reserva Legal	104 000 000\$00
Reserva de Reavaliação	104 701 605\$92
Outros Fundos de Reserva	130 000 000\$00
	588 701 605\$92
RESULTADOS	
Lucros e Perdas	
Saldo do exercício anterior	1 018 808\$18
Resultados do exercício	55 401 778\$05
	56 420 586\$23
	15 615 102 181\$86
CONTAS DE ORDEM	
Credores por Valores de Conta Alheia	4 533 365 932\$41
Credores por Valores Recebidos em Caução	2 302 420 239\$77
Garantias e Avals Prestados	1 575 197 285\$38
Aceites	506 079 699\$40
Créditos Abertos	371 033 122\$42
Outras Contas de Ordem	510 871 197\$24
	9 798 967 476\$92
	25 414 069 658\$78

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CRÉDITO	
Saldo do exercício anterior	1 018 808\$18
Juros e comissões a nosso favor	382 214 465\$80
Resultado em operações cambiais e sobre títulos	14 448 876\$87
Rendimento de títulos de crédito	8 336 501\$94
Outros rendimentos, receitas e lucros	17 894 927\$30
	422 894 771\$91
	423 913 580\$09

O CHEFE DA CONTABILIDADE Arnaldo Albuquerque Pinto de Castilho

Combata o

MÍLDIO DA VINHA

com

FOLPEC
AZUL

um fungicida orgânico que, além do notável efeito sobre o MÍLDIO da vinha e de outras culturas, tem ainda acção contra os OÍDIOS

Para qualquer esclarecimento consulte os

SERVIÇOS AGRONÔMICOS DA SAPEC

LISBOA

Rua Vitor Cordon, N.º 19
Telef. 566426

Deposítário em FARO

JOÃO INÁCIO
Horta das Figuras — Faro
Telef. 24000

Segundo o acordo estabelecido entre os Governos dos dois países ibéricos começarão em breve as obras da barra do Guadiana

(Continuação da 1.ª página)

e permitir uma maior valorização do seu património.

Uma foi há dias anunciada e recebida com grande júbilo: a da criação de uma zona de jogo no Algarve, inteligente e oportunamente criada pelo sr. secretário de Estado da Informação e Turismo que mais uma vez, evidenciou o seu muito interesse pelos assuntos que se prendem directamente com o Algarve. Tal concessão irá permitir certamente um notável impulso no desenvolvimento turístico da Província.

Outra, parece, igualmente, bem encaminhada: a construção da nova via ferroviária Barreiro-Faro. Esta justa aspiração dos algarvios, esperança que ao longo de algumas décadas os tem acompanhado, tornou-se numa promissora esperança a caminho da realidade, desde que o Conselho de Ministros para Assuntos Económicos, reunido já sob a presidência do professor Marcello Caetano, aprovou no Plano de Renovação de Via Férrea, uma obra cuja realização orça em cerca de dois milhões e seiscentos mil contos e que abrange cerca de 1500 quilómetros de via, ou seja um terço da sua totalidade. Nele está incluído o troço de Barreiro-Faro, que irá facilitar e modernizar os transportes da capital para o Sul do País.

Agora que novas perspectivas de desenvolvimento turístico se abrem para a província algarvia, mais urgente se torna a solução de todos os seus grandes problemas. Entre eles, a planificação das vias e meios de transportes ferroviários e rodoviários é importantíssima.

O transporte é a base de qualquer actividade que interesse à expansão, ao progresso e ao desenvolvimento económico de um país. Não apenas no aspecto turístico terá grande interesse uma via rápida rodoviária que ligue Lisboa a Faro. Essa estrada e outras que venham a abrir-se ou a melhorarem-se dentro da própria Província, constituirão o melhor estímulo para a iniciativa privada, para uma melhoria de produção na exploração agrícola e de todos os sectores da indústria. Por outro lado, a construção do porto de Portimão, na foz do Arade, satisfará outra muito justa aspiração e marcará uma nova directriz nos destinos económicos e turísticos do Algarve. Obra que exige vultosos investimentos, e que será naturalmente demorada foi já devidamente reconhecida pelo Governo que a considerou prioritária dentro do III Plano de Fomento. Aprovado o Plano de Exploração e Aproveitamento do Porto de Portimão, essa importante obra permitirá no futuro, a entrada naquele porto de navios de comércio de grande porte, trazendo turistas e levando mercadorias agrícolas e manufacturadas no interior algarvio, conservas, doces e outros produtos.

Todos sabemos quanto benéfico foi para o Algarve o Aeroporto de Faro. Com ele subiu extraordinariamente o afluxo de turistas. Mas estes não viajam apenas de avião.

Por isso é que insistimos para que o Algarve seja dotado com os meios de comunicação marítimos e terrestres indispensáveis ao seu progresso. Permitimo-nos, mesmo, sugerir, que dada a urgência da realização de todas essas obras ainda antes da construção da tão necessária via-rápida para Lisboa, comece-se por um melhoramento mais simples e menos oneroso: o da ligação da estrada de São Marcos da Serra, para o qual faltam apenas 60 quilómetros.

Em breve começarão, também, segundo o acordo estabelecido entre os Governos dos dois países ibéricos, as obras da barra do Guadiana, dotando este rio das condições indispensáveis à navegação o que virá dar grande impulso ao comércio e pescas locais. Será, igualmente, factor de importante valorização para Vila Real de Santo António e de todo o Algarve a projectada construção da ponte que ligará a nossa fronteira à de Alentejo.

Casamento

Desejo corresponder-me c/ raparigas dos 19 aos 24 anos, para fins matrimoniais.

Joaquim Romão Baptista — G. R. 685/GR — P. S. P. A. S. P. M. 9606.

A. Leite Marreiros

OIBURGIAO GERAL

Graduado dos Hospitais Cívis de Lisboa

Consultas diárias a partir das 15 horas, excepto aos sábados

CONSULTÓRIO:

Rua Sorpa Pinto, n.º 23-1.º - FARO

TELEF. { Consultório 22013
Residência 22697

Terreno ou Casa Velha

Desabitada, com área aproximada a 100 m², compra-se em Vila Real de Santo António Resposta ao n.º 11355.

Precisa-se

Serralheiro habilitado (de preferência livre do serviço militar) para construção civil. Dirigir a Francisco M. Baradas — Armação de Pêra.

Juramento de Bandeira no Curso de Sargentos Milicianos de Távira

No Centro de Instrução de Sargentos Milicianos de Infantaria, em Távira, realizou-se na quinta-feira o juramento de bandeira dos soldados do 1.º ciclo do curso, com o seguinte programa: às 8 horas, missa na igreja de S. Francisco; 9,30, formatura; 9,45, chegada dos convidados; 10, recepção da bandeira, leitura dos deveres militares, palavras do comandante, alocação por um oficial do C. I. S. M. I., ratificação do juramento de bandeira, distribuição de prémios aos instrutores do Ciclo, continência final e desfile das forças em parada, perante a tribuna de honra; 11, desfile pelas principais artérias da cidade e continência em marcha ao monumento aos Mortos da Grande Guerra, onde será postada guarda de honra; 12,30, almoço de confraternização dos instrutores, assistido pelos oficiais e sargentos.

Motorizada

Marca H. M. V., com 11 000 quilómetros, vende-se em conta. Informa-se nesta Redacção.

Ministério das Corporações e Previdência Social

AVISO

Concurso para distribuição de Casas Económicas nos Bairros de Olhão

Para os devidos efeitos se comunica que está aberto concurso pelo prazo de 30 dias, a contar da data deste «AVISO» para distribuição de uma moradia vaga e das que vaguem durante o período de validade do concurso nos Bairros de Casas Económicas de Olhão.

As condições de admissão publicadas no Diário do Governo de 12/3/69 encontram-se afixadas na Sede da Direcção-Geral da Previdência e Habitação Económicas — Praça de Londres, 9 — Lisboa nas secretarias dos Sindicatos Nacionais do Distrito de Faro e na Delegação do I. N. T. P. em Faro.

Comerciante electrocutado em Olhão

Por tocar num cabo de energia eléctrica que caíra numa das ruas do Bairro dos Pescadores em Olhão morreu electrocutado o comerciante sr. Francisco Espanha, de 68 anos, morador naquela localidade.

Casa Mobilada

Aluga-se nos meses de Junho, Julho e Setembro, com quatro quartos, frigorífico, louças e roupas. Rua Cândido dos Reis, 15 — Vila Real de Santo António.

Assembleia geral do Montepio dos Artistas de Faro

A fim de discutir o relatório e contas da direcção de 1968, bem como o parecer do conselho fiscal, apreciar os seus actos e deliberar a tal respeito, reúne em 2.ª convocatória na sexta-feira, às 21 horas, a assembleia geral ordinária do Montepio dos Artistas de Faro.

Santa Casa da Misericórdia de Lagos

ADMISSÃO DE PESSOAL

Esta Santa Casa, admite pessoal do sexo feminino e masculino, para os serviços de cozinha, gerais e de enfermaria. Dirigir carta com detalhes à secretaria desta Santa Casa.

Comemora-se hoje o «Dia do Viajante»

Ano após ano tem vindo a conhecer uma maior expansão e valorização o «Dia do Viajante». O espírito é o mesmo que o criou — confraternização de quantos militam nesta laboriosa classe — mas a ideia expandiu-se e este ano devem ser cerca de 150 os viajantes que vão estreitar o grande anexo da amizade.

Assim, quando em 22 de Março de 1965 o conhecido comerciante da Vila Pombalina, sr. Luís Félix da Silva, com o dinamismo e espírito de iniciativa que o caracterizam, criou o «Dia do Viajante», estava-se longe de supor que a efeméride assumisse tão ampla expressão. Logo à tarde teremos no Estádio de S. Luís, em Faro, um encontro de futebol entre duas equipas de viajantes. A receita apurada destina-se à benemérita obra que é a Casa dos Rapazes e que bem merece o apoio de todos.

À noite, no Hotel Eva, realiza-se um jantar de confraternização, que estamos certos decorrerá no ambiente de alegria e amizade que tem sido apanágio das anteriores reuniões.

Aluga-se

Na Praia de Armação de Pêra, 1.º andar, mobilado, com três assoalhadas, nos meses de Março e seguintes, em conjunto ou separados. Informa Maria Gonçalves, Rua Aboim Ascensão, 9 — FARO — telefone 23924.

JANELA DO MUNDO

(Concluído da 1.ª página)

foi entregar na Embaixada dos Estados Unidos. O caso foi conhecido, caiu em graça junto dos meios de informação e v. de fotografar o botão e o operário, contando-lhe a vida desde pequenino. E parece até que um diplomata americano vem ao Algarve — porque os pais do tal honrado operário são algarvios — para os conhecer e cumprimentar. Como as circunstâncias, por vezes, deturpam os gestos e lhes dão uma feição diferente!

Neste momento, se o tal operário é uma pessoa simples e inimiga da publicidade e de dar nas vistas, como deve estar arrependido da sua atitude! Afinal entregar «o seu a seu dono» é assim tão invulgar que pode levar a estes exageros? Não nos admira se o casal Nixon convidar o operário português e toda a família a visitarem a Casa Branca, ou mesmo se o nomear presidente honorário de todas as fábricas de botões dos Estados Unidos. É difícil, mesmo, prever as consequências deste gesto natural de um homem que encontrou um botão numa rua de Paris com o nome do presidente gravado e quis devolvê-lo. Há quem fale, já, num maior entendimento entre os governos americano e português — se é que neste momento existe alguma nuvem entre eles — mas do que ninguém duvida já é que a próxima visita de Nixon à Europa incluirá uma etapa certa: Portugal.

E então veremos os lisboetas desesperados, com os olhos no chão, em todas as ruas por onde Nixon passar, à procura de outro botão de punho. Será necessário um comunicado oficial que sossegue as pessoas informando que, dessa vez, o presidente americano decidirá vir sem botões de punho e que todos os que forem encontrados com a letra «N» não são dele com certeza, mas de algum Nunes, ou Napoleão com grande azar mas pequena importância.

MATEUS BOAVENTURA

SALVADOR L. ILARI

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DAS CRIANÇAS

Ex-interno dos Hospitais Cívis de Lisboa

Consultas diárias a partir das 15 horas

CONSULTÓRIO — Edifício SOL (à Pontinha) 1.º D — Telef. 23396 — FARO

RESIDÊNCIA — Telef. 73169 - 72455

DIVERSAS

EMPREENHIMENTOS TURÍSTICOS — Foi tornada extensiva a utilidade turística, antes concedida a título prévio, à ampliação de 40 bungalows, que a Lusotur — Sociedade Financeira de Turismo, S. A. R. L., promoveu na Quinta de Quarteira, em Vilamoura (Loulé).

UTILIDADE TURÍSTICA PARA UM CONJUNTO HOTELEIRO — Foi superiormente confirmada a utilidade turística, antes concedida a título prévio, ao conjunto hoteleiro constituído por restaurante, snack, bar-boite, piscina e instalações balneares, que a Anglorpor — Companhia Imobiliária Anglo-Portuguesa, S. A. R. L., promoveu entre as praias de Alvor e dos Três Irmãos.

OBRAS NOS LICEUS DE FARO E PORTIMÃO — Para obras eventuais de pequenas reparações, conservação e simples arranjo a efectuar no corrente ano pelos Liceus de Faro e Portimão foram estabelecidas as verbas de 22 000\$ e 25 000\$.

COMPARTICIPAÇÕES — O sr. ministro das Obras Públicas concedeu à Câmara Municipal de S. Brás de Alportel, 45 000\$ e 210 000\$, respectivamente para construção do caminho municipal n.º 222, da estrada nacional n.º 2 (Alportel) à estrada municipal n.º 613 (Javali), 1.ª fase (macadame de Alportel para Javali, na extensão de 770 m) e para a estrada municipal n.º 613 (construção do lanço de Javali a Parizes), 1.ª fase (terraplenagens e obras de arte correntes entre os perfis 0 e 63, na extensão de 1 284 m); 91 000\$ à Câmara Municipal de Vila do Bispo, para o caminho municipal n.º 127, da estrada nacional n.º 125 (Raposeira) à praia da Ingrina, e do seu ramal n.º 1257-1 para Horta, 4.ª fase (reparação do macadame e revestimento superficial betuminoso na extensão de 990 m e calçada em bermas em toda a extensão de 2 550 m); e o reforço de 500 contos à Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos para construção das instalações para o salva-vidas e de um varadouro na Balciera.

Vendem-se, Andares

Em Faro, de 4 e 5 assoalhadas grandes. Acabamentos de 1.ª — isentos 4 anos. Desde 220 contos. Situados em Bairro Novo — junto ao Mercado. Trata no local ou na Rua Eng. Duarte Pacheco, n.º 8, telefone 22902 — FARO.



Serena e confiante...

com **Serena** MARCA DE FÁBRICA

Agora, ela vive plenamente todos os dias do mês. Sente-se fresca, confortável e segura. Confia em SERENA, porque sabe que SERENA lhe dá uma protecção eficaz, mesmo em pleno esforço.



Com SERENA, não há dias diferentes!

É grande o regozijo no Algarve pela criação do Curso Geral de Comércio

Na Escola Técnica de Vila Real de Santo António

(Conclusão da 1.ª página)

nho bem compreendido pelos dirigentes municipais de então, que tudo fizeram para dar-lhe instalações condignas, e por quem no ensino superintendente, que, gradualmente, a dotou de novos e úteis elementos formativos, culminando com a criação, no começo do ano lectivo em curso, das Secções Preparatórias para a frequência dos Institutos de Ensino Médio.

Só agora, porém, com o funcionamento do Curso Geral de Comércio, a Escola Vila-realense poderá desempenhar cabalmente a ampla missão educativa que está implícita no seu próprio nome.

Nesta hora verdadeiramente grande para Vila Real de Santo António, endereçamos do *Jornal do Algarve*, em cujas colunas o nosso saudoso fundador, José Barão, tanto pugnou pela criação daquele Curso, o nosso modesto mas sincero agradecimento a quantos lutaram pela consecução de tal objectivo, e aos que, finalmente, puderam torná-lo possível.

Jornal do Algarve arquiva hoje algumas palavras alusivas ao grato acontecimento, subscritas pelos srs. dr. António Capa Horta Correia, presidente do Município e dr. José de Campos Coroa, director da Escola Técnica de Vila Real de Santo António.

Na Escola Técnica de Tavira

(Conclusão da 1.ª página)

consciente de que lhe «vai saber a pouco»...

A ampliação da actividade da Escola Técnica provoca-nos, pois, uma sensação algo confortável e faz-nos aplaudir as vontades, pedidos e influências de quantos se terão esforçado para conseguir tal melhoramento...

E que Tavira precisa. Precisa que os seus filhos se unam à volta dela, que comunguem do mesmo pensamento em relação aos interesses locais, que sirvam desinteressadamente, do mais alto ao mais baixo posto. Muitas terras que conhecemos, com menos possibilidades imediatas, surgiram da mediania mercê de uma perfeita conjugação de ideias, esforços e realizações... Mercê talvez dum sentimento regionalista, caseiro, bairrista em demasia, mas, neste caso necessário, Mercê daquilo que em Tavira, confessamos, não tem sido palavra de ordem: Unidade!

Há ainda a falta de boa vontade para tudo quanto é nosso, quanto é aqui produzido, quanto é aqui vendido. Tantas vezes se desdenha de um artigo, para se ir comprar fora, mais caro e, se ao mesmo preço, de menor categoria. Só porque é luxo dizer-se: — Ah!... As minhas compras, não as faço nestas terras pequenas... Em Tavira, era o que faltava!... Não se confessam, porém, a maior parte das vezes, os «barretes» enfiados lá fora...

Dizer-se que não há isto ou aquilo, é normal, é lógico. Não pode haver de tudo, ao gosto de todos. De resto, cada pessoa, cada gosto... Agora dizer-se, em relação às transacções do dia a dia, que nunca há nada em Tavira, torna-se exagerada a maldade. Porque não nos podemos esquecer de alguns artigos que Tavira tem fama de possuir em certa quantidade e para gostos dos mais diversos... Calçado, por exemplo, outrora uma das tradicionais e boas produções desta cidade. Dogaria, outro capítulo importante, que hoje se mantém, aliás, não só com as tradições mas também com o apuramento e procura merecidos. Todo o comércio em geral tem sido até agora bastante fértil em novidades, em apetrechamento... Mas não para muitos dos tavrinses que por simples «snobismo» têm de ir adquirir tudo lá fora...

Vêm ao correr da ideia os leilões. Sem se saber porquê, uma firma, instala, por exemplo aqui uma secção de leilões que durante algumas semanas vai fazendo o seu negócio. A que propósito? Não se trata de mercadorias que pertencem a este concelho. Onde se deu o motivo para haver leilão em que sejam os artigos vendidos... Sabe-se lá mesmo qual é a proveniência dos artigos?... E quando os leiloeiros, enquanto isso, vão comprando artigos como se fosse uma casa de comércio qualquer, aberta ao público? Isso não prejudica o comércio local? Claro que sim... E também é sabido, nesses leilões não se discute qualquer preço. Vai-se atrás dum extasiamento, dum entusiasmo momentâneo, sem se perceber que se está a comprar mais caro do que em qualquer estabelecimento, com escolha e liberdade suficiente para se ver, discutir e apreciar bem tanto o artigo como as condições de aquisição... Não falando nos 10 por cento de encargos de que muitos se esquecem enquanto estão a efectuar os lances... Em qualquer casa conhecida, estabelecimento cujos proprietários se conhece, vai para muitos anos, é-se capaz de discutir, desconfiar e oferecer preços exageradamente baixos por qualquer artigo pretendido... Nos leilões compra-se tudo, tantas vezes mais caro e não se repara (nem interessa) ter-se sido enganado... Fica a ufania de se ter comprado num leilão... Enfim, tudo o que é estranho, tudo o que é de fora, é bom.

Ocorre-nos, embora temendo tornarmo-nos demasiadamente longos, o caso do encerramento da actividade industrial da firma J. A. Pacheco, desta cidade, empresa que há muitos anos se dedica à produção de farinhas espoadas, em que tem ocupado cerca de meia centena de empregados e operários. Não nos cabe julgar das razões que levaram os proprietários à venda do alvará e máquinas, pois eles as terão e válidas por certo. Mas cremos que a falta de protecção a esta indústria, exigências futuras e até presentes ou um condicionamento que não acompanhou em seus limites e permissões o actual montante dos encargos estarão na origem desta destituição.

A unidade fabril foi vendida e será retirada desta cidade, em favor de outra fábrica que, em qualquer outro local, terá autorização para produzir o que até aqui foi produzido em Tavira. Quanto à venda do alvará e máquinas, ninguém terá nada com isso. Mas até que ponto será justo que os serviços oficiais permitam retirar-se dum região, deste concelho, mais propriamente, uma actividade de tantos anos, sustentando aqui tantas famílias quanto o número de empregados ao seu serviço?

Muito têm de representar para o Planeamento Regional, agora estabelecido, os problemas locais, pois, numa mais larga escala de interesses, os concelhos pequenos que alguma vez tiveram a sorte de possuir indústrias vantajosas para a sua economia, estão sempre sujeitos a ver tirarem-lhes os melhores meios, pela absorção de imensas empresas, com imensos capitais, interessadas numa centralização de actividades que serão mais rentáveis para os proprietários, mas nunca mais vantajosas para o público consumidor.

Tavira sentiu agora, pela sua perda, a extensão do prejuízo do arrebatamento desta indústria em favor de outra região, sem que nenhuma entidade tivesse chegado a intervir em favor da sua continuidade dentro da cidade. E sentirá também, se nada se fizer para o evitar, se for perdendo outras actividades que, embora mais pequenas, constituem o seu património económico. Compete às entidades locais proteger a montagem em Tavira de quaisquer actividades ou acarinhar as já existentes. Compete ao público tarefa idêntica, compreendendo algumas limitações — as próprias limitações locais, e preferindo sempre fazer circular os capitais o mais possível dentro da região. E compete também aos que tiverem poderio suficiente para intervir na vida económica do concelho, o não se limitarem a construir a sua casa, um prédio de rendimento, ou a reparar o telhado quando o abalo sísmico levantar algumas telhas...

A criação da Secção Comercial da Escola Técnica de Tavira, é, porém, o assunto com que iniciamos este «Espaço» de hoje. Escusamos de referir a alta importância deste novo sector do apetrechamento educacional da cidade, pois o curso comercial, como aliás o industrial são hoje do maior interesse para a formação secundária dos jovens, substituindo de uma forma mais prática a habilitação liceal, também de interesse, mas virada mais para o prosseguimento dos estudos...

Compete-nos, pois, enfrentando as realidades e compreendendo a valorização futura que representa para esta cidade, fazer jus ao novo curso da Escola Técnica, trabalhando com acerto e compreensão em prol desta Tavira, para uma favorável reviravolta em todos os sectores da sua economia, progresso que, se lhe derem asas, ganhará por si próprio outras fontes de progresso, em sucessiva melhoria.

Apenas será necessário, da parte dos tavrinses, compreensão pelos respectivos problemas, colaboração em tudo quanto interessar à comunidade, mas, não esquecendo, cada um sempre em seu posto, na função, tarefa ou encargo que a Providência lhe confiou.

LUIS M. HORTA

Palavras do presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

(Conclusão da 1.ª página)

um factor valioso na promoção social das famílias dos concelhos de Castro Marim, Alcoutim e Vila Real de Santo António, que poderão contar com um meio para a elevação daqueles que melhores aptidões possuam e que tantas vezes, por dificuldades económicas ficavam condenados a aceitar qualquer ocupação, perdendo eles e a Nação, o valor que a inteligência e mais aptidões poderiam proporcionar.

Ficará mais enriquecida a nossa região, porque terá ao seu dispor elementos devidamente preparados para actividades comerciais e industriais e facilitados os acessos ao funcionalismo público, organizações bancárias, etc.

Desde a minha posse como presidente da Câmara Municipal, chamei a atenção das entidades responsáveis pelo ensino, para a lacuna que existia na nossa Escola Industrial e Comercial. Foi portanto para mim um momento de grande satisfação.

Cumpre-me agora dizer aquilo por onde devia ter começado: agradecimento ao Governo da Nação, nomeadamente ao sr. Ministro da Educação Nacional pela criação do Curso Geral de Comércio; ao Sr. Dr. Joaquim Romão Duarte pela sua esmerada cooperação enquanto desempenhou o cargo de Governador Civil deste Distrito e ao Sr. Dr. Manuel Esquivel, ilustre Governador Civil, que dedicou a esta nossa pretensão todo o seu empenho.

Palavras do director da Escola Industrial e Comercial de Vila Real de Santo António

(Conclusão da 1.ª página)

descobrir as possibilidades de realização de cada ser, que correspondam aos interesses profundos de cada um, o funcionamento do curso em questão — solicitado superiormente, desde há muito, com o entusiástico e desvanecedor apoio dos Ex.ªs. Senhores Governadores Civis do Distrito, dos Ex.ªs. Senhores Presidentes da Câmara Municipal do Concelho, do prestigioso *Jornal do Algarve* e dos representantes locais de outros órgãos da Imprensa — constituirá para a Escola um instrumento didáctico de alto alcance, cujo mérito não parece desnecessário enaltecer, mais pormenorizadamente, neste instante.

Estamos de parabéns, repita-se, apenas, a terminar.

Bem hajam, pois, quantos se dignaram patrocinar a causa, e, muito especialmente, os que a converteram numa consoladora realidade a bem da mocidade que, naturalmente indecisa, mas confiante, vem à Escola com a legítima esperança de poder vir a conquistar na vida, o lugar que, com justiça, na vida lhe pertença e para bálsamo dos que, dedicando-se, de qualquer modo, à apaixonante tarefa de educar, crêm, sinceramente, que a educação, devidamente estruturada, é esse dom inestimável capaz de desviar o homem das tenebrosas encruzilhadas que, tantas vezes, se lhe deparam ao longo da caminhada da sua existência.

Cantinho de S. Brás...

Três temas actuais (para uma crónica)

1- GAGO COUTINHO. Melhor: Carlos Viegas Gago Coutinho. Muito se tem falado, muito se tem escrito, justamente, sobre a sua vida e a sua obra. Tudo o que se disser, será sempre pouco, para definir, com exactidão, o valor de um sábio. A biografia, ficará incompleta, como incompleto ficou o esplendor do saber deste homem raro que, aos 90 anos, quando a morte o surpreendeu, ainda trabalhava, afanosamente pelo bem da sua ciência.

Pois, Gago Coutinho, trazia consigo sangue são-brasense. Os seus pais, eram são-brasenses. Nascidos no sítio da Mesquita. Ainda por cá moiravam, incógnitos, muitos familiares seus. Quando se acaba de comemorar o 1.º centário do nascimento de tão eminente cientista, registamos, nesta secção, orgulhosamente, o facto de Gago Coutinho, ser por laços de sangue, nosso conterrâneo.

Será altura de sugerirmos que na terra dos seus pais (havendo mesmo alguns, românticamente decerto, que admitem ter o sábio nascido aqui, sendo depois baptizado em Lisboa...) lhe seja, no ano que passa, prestada homenagem condigna.

2- SOBRESSALTO NA NOITE. 23 de Fevereiro de 1969. Três semanas são decorridas sobre o abalo sísmico que, abalando todo o continente, sacudindo-o, de forma violenta, deixou no Algarve as marcas mais fortes. Contudo, a população, permanece emocionada na recordação de tão horrível momento! Nunca um acontecimento havia provocado tamanho choque, em tão grande extensão.

Felizmente, e muito embora a intensidade sísmica sentida, S. Brás de Alportel, foi, sem dúvida, o concelho do Algarve que menos sofreu. Há, é evidente, estragos materiais, mas todos eles de pouca monta, comparativamente às restantes localidades. Causas? Desconhecemo-las, cientificamente. É provável que as características do solo o expliquem. Mesmo assim, será também, altura de integrarmos o nosso concelho, numa política de construção o mais anti-sísmica possível. A simples substituição do barro pelo reboco em cimento sobre a parede de pedra, pode dar uma ajuda... Que se aconselhe. Se vistorie. E se mande deitar abaixo, muita coisa, que outro fim não terá e não ser provocar-nos susto à mais leve sacudida...

3- VAI realizar-se o III Almoço de São-brasenses. Esta jornada de confraternização tem a aliantante de pela primeira vez ser seu cenário a nossa bonita vila. Vendo os homens e as coisas, ocalá seja motivo para que as ideias ganhem novo calor, renovação, desenhando-se os resultados em algo de útil, susceptível de fazer virar a

página brumosa do progresso social da nossa terra. São os nossos votos. E já muito seria...

MARCELINO VIEGAS

Homenagem do Clube Desportivo de S. Brás aos seus atletas

Realiza-se esta noite em São Brás de Alportel um jantar de confraternização promovido pelo Clube Desportivo de São Brás, durante o qual será prestada homenagem aos atletas que tão brilhantemente representaram aquele clube na presente época futebolística.

Aumente as produções com

FERTOR

um fertilizante orgânico

mais barato * melhor
que o estrume * que o estrume

INDISPENSÁVEL EM TODOS OS SOLOS
E CULTURAS EXIGENTES
DE MATÉRIA ORGÂNICA
E EM ESPECIAL NAS TERRAS ESGOTADAS
E MUITO LAVADAS PELAS CHUVAS

***** DISTRIBUIDORES *****

FERTOR

SAPEC

ErmeZinco

R. Vítor Cordon, 19 - Lisboa

Telef 9891451 - Porto

R. Sá da Bandeira, 746-1.º Dto. - Porto

FERTOR É FARTURA

AGENTES EM TODO O PAÍS

HIPOTECAS

Sobre propriedades, fazem-se ao juro da Lei, 10, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100 contos e quantias superiores e intermédias sobre propriedades rústicas ou urbanas, em Lisboa, Arradores e Província.

Transacções rápidas e com o máximo sigilo.

A CONFIDENTE

LISBOA — Rossio, 3-2.º andar — Telef. 369384/5/6

PORTO — R. Passos Manuel, 14-1.º andar

Notícias de LOULÉ

A FINAL, sempre estamos saídos e prontos para continuar a viver a deliciosa vida que Deus nos dá, mau grado, o presságio sombrio dos astrólogos, e as propagandas téntricas dos espíritos facilmente sugestionáveis e impressionáveis das pessoas agoristas.

Agora as senhoras têm conversa até ao Verão, na forma e dimensão como reagiram ao fenómeno do terramoto, como algumas lhe chamam, querendo dar ao sismo mais escala do que teve, do «tremor de terra», na generalidade das opiniões, e do sismo, nas linguagens mais eruditas. Cada uma e cada um, sentiu-o de sua forma e de sua maneira e a fantasia do medo, tem grande tema nessas discussões.

Agora e parafraseando a célebre frase do ministro de D. José, graças a Deus, em escala mais modesta, e decrescente: «É preciso cuidar dos prédios em perigo e construir novas habitações para alojar os pobresinhos que ficaram sem lar». Que se dê à iniciativa do Chefe do Estado, a Fundação Salazar, um grande impulso nesse sentido, pois ela representa das mais nobres ideias e dos mais generosos propósitos humanitários.

Ficámos todos mais pobres, mas é nestas graves provações que tem mais aproximação o sentido de fraternidade, que os nossos corações mais se compreendem, que o sentido de generosidade mais nos deve unir e ligar.

Quis uma impertinência de saúde, proporcionar-me a satisfação e a oportunidade de ler a maravilhosa conferência do dr. Magalhães sob o título «Evocação do poeta António Aleixo», feita na Casa do Algarve e fiquei muito sensibilizado ao ler a citação de uma quadra que o Aleixo me fizera e que não consta dos seus livros.

Agora a grata simpatia que o conferencista me dispensa na expressão de «um bom amigo meu», aliás inteiramente verdadeira, ocorreu-me, com alegria, a quadra que originou a réplica do Aleixo.

Eu estava a uma das janelas da Câmara e vi passar o Aleixo, com um amigo, que me saudou e eu, que me perdoe o dr. Magalhães, lembrei-me de o saudar em verso e não com uma

quadra, composta com tempo e cuidado. Fiz o seguinte improviso:

Mas que lindo chapéu preto
Pareces mesmo um rapaz,
Se eu em verso não me meto
Responde tu se és capaz,

e a resposta veio logo pronta:

Não se meta comigo em verso
Que nada pode fazer
Olhe que eu nunca fui perverso
Mas em verso, posso ser...

Que me perdoe o bom do dr. Magalhães este ligeiro aditamento à sua citação.

Foi nomeado presidente da Câmara Municipal de Loulé o eng. António Américo Lopes Serra, abalizado técnico da mina de sal-gema de Loulé.

Em momento difícil, dados os complexos problemas com que a administração se depara, vai o sr. eng. Serra assumir funções de dirigente, em ambiente de exaltação e nervosismo, dados os prolegómenos do seu processo de nomeação. Confiamos, porém, que a lúcida visão e as brilhantes qualidades de carácter, isenção e independência de opinião, de que tem dado provas, o saibam conduzir e encaminhar no sentido de fazer um bom lugar.

É tudo quanto lhe desejamos e, sem qualquer reserva de qualquer natureza, aqui lhe deixamos os nossos votos de muitas felicidades e felicidades no cargo que vai desempenhar. Com o nosso fraco préstimo e a nossa melhor colaboração pode o novo presidente contar.

R. P.

Vende-se

Casa com chave na mão, situada na Rua Sousa Martins n.º 25 (local central) com 9 divisões, grande quintal, e área de 180 metros quadrados. Trata-se na Rua Sousa Martins n.º 70, em Vila Real de Santo António.

Secretária - Correspondente

Oferece-se com prática de correspondência em francês e inglês. De preferência na zona de Faro, para agência de viagem, hotel ou firma de «rent-a-car».

Resposta a este jornal ao n.º 11 459.

Emílio Campos Coroa

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DOS OLHOS

Ortópica (ginástica ocular) - Lentes de Contacto

Consultas: Rua de Sto. António, 49 - 1.º Dto. — F A R O

Estalagem «Caíque»

Rua Dr. Oliveira Salazar, 37

Telefone 72167-68

OLHÃO

A Sociedade Hoteleira «Galeirão de Sto. André», Lda., comunica às agências de viagens e turismo, clientes e amigos que reabre hoje a «ESTALAGEM CAÍQUE», amplamente remodelada, com nova gerência sob a direcção de Edmundo Santos Mendes.

LUIS M. HORTA

OLEANDRO COUNTRY CLUB

Horta da Bolota
ALBUFEIRA

ABRIU JÁ O SEU NOVO BAR
«BOLOTA BAR»

QUARTEIRA, presente!

Três semanas volvidas e cá estamos a dar cumprimento ao que tínhamos prometido aos leitores.

Ainda no Largo do Mercado, onde havíamos terminado, a 15 do mês findo, vamos iniciar a crónica de hoje com um reparo que, em certa medida nos parece envolver interesse público. Existiu até há cerca de um ano, neste largo, um fontanário público como tantos em Quarteira, cujo desaparecimento tem dado origem a justificações lamentáveis por parte dos pescadores. Como é sabido, é das proximidades deste local que as muitas centenas de pescadores quarteirenses organizam a sua partida para o mar em busca do peixe. Normalmente, são viagens de 10 a 15 horas que exigem, como não pode deixar de ser, alguns mantimentos, entre eles um barril com água. Por outro lado, ninguém deve ignorar que a quase totalidade dos pescadores não habita nas redondezas, e que não se torna muito fácil sair de suas casas munidos do precioso líquido, ainda porque a saída para a praia se efectua a horas tardias, quando todo o comércio se encontra encerrado, inclusivamente o mercado onde existe uma torneira para abastecimento público, mas que funciona apenas quando aquele está aberto. Parece-nos que não valerá a pena mencionar outras razões, porque estas são por si, são suficientes para justificar a necessidade de um fontanário público, no local.

Segundo julgamos saber, foi encerrado o que havia, porque alguém o utilizava para fins menos próprios, o que, em boa verdade, não se justificava. Mas pergunta-se com toda a lógica. Seria esta a melhor resolução a tomar? Sacrificar centenas, por culpa de um ou dois?

Deixamos esta zona e entramos na Rua Vasco da Gama, onde um distintivo dos C. T. T. nos indica um local dos seus serviços públicos, com venda de selos, telefone público durante algumas horas e a respectiva caixa de correio onde é introduzida a correspondência até à sua recolha pelo funcionário. Ora, a respeito desta caixa, são muitos os que a consideram desactualizada e capaz de causar prejuízos. Fazendo-se naquele local, que é o mais concorrido de Quarteira, a venda de selos, é essa caixa de correio que maior volume de correspondência recebe. Daí que, em muitas ocasiões, as cartas não caibam, caindo para o chão e ficando ao dispor de almas compreensivas que as vão entregar ao sr. Martins. Em tempos, quando a população era menor, a caixa tinha dimensões muito maiores, sendo mais tarde substituída pela actual, que está longe de ser suficiente. Pedimos aos C. T. T. a resolução deste minúsculo problema.

A pequena distância, ainda na Rua Vasco da Gama, encontramos o Centro de Assistência Social, pertencente à Junta Central das Casas dos Pescadores e destinado a proteger a classe piscatória. Ali existe enfermaria, materni-

dade, assistência médica, farmácia, etc. mas o Centro tem importância à parte na formação das futuras donas de casa. A escolha das suas alunas realça, finalmente nas mais necessitadas famílias da terra e ali se instalam, num ambiente de formação que de outro modo não lhes seria possível alcançar. Verdadeira escola da vida, será o termo mais indicado para ele, querendo-nos parecer que a louvável acção do Centro deveria ser mais divulgada, para que não fosse ignorada a assistência que se presta aos pescadores e famílias. Esta opinião baseia-se no facto de a maioria dos estrangeiros que visitam a nossa terra, olharem o edifício, interrogando-se, sem compreenderem do que se trata. Com o mesmo interesse, admiram a luta dos pescadores pelo pão de cada dia, admitindo mesmo que estes não tenham a mínima protecção. Ora, como muitos turistas pretendem avaliar o nosso nível de vida, temos de admitir que o conceito por eles formado a respeito da classe piscatória, ficará muito aquém da realidade. Também não compreendemos, por que razão a farmácia de Quarteira, propriedade da Junta Central das Casas dos Pescadores, continua a manter aquele aspecto de farmácia privada, sendo sem dúvida igual a tantas outras onde se atende todo o público. Esta é a única que conhecemos sem qualquer distintivo ou indicação de que ali existe uma farmácia e para mais, recuada bastantes metros da via pública, com acesso por uma portada em ferro, e fora portanto do alcance visual de quem a desconhece.

Se nos lembrarmos de que é nas farmácias que se obtém os recursos para atenuar a doença e até para se salvar vidas e que por isso mesmo os minutos perdidos para a encontrar, podem representar muito, depressa nos convenceremos de que a nossa farmácia carece, com urgência, de um distinto que a torne conhecida e facilmente localizável, durante a noite ou de dia, para que os nossos visitantes nacionais ou estrangeiros, não voltem às suas terras fazendo um juízo errado de Quarteira.

E já agora, sem nos querermos tornarmos demasiado extensos, lembramos que seja tido em conta o número da população quarteirenses, a fim de ser estudado o prolongamento das horas de serviço da referida farmácia, porque a necessidade de medicamentos nem sempre é previsível com antecedência.

M. FARRA

Baile da Pinha em S. Marcos da Serra

Na Sociedade Recreio e Instrução de S. Marcos da Serra, realiza-se hoje o tradicional Baile da Pinha, abrilhantado pelo conjunto «Os Celtas».

ENSINO NO ALGARVE

TÉCNICO

Por conveniência urgente de serviço, foram nomeados professores provisórios: do 2.º grau, 11.º grupo, na Escola Industrial e Comercial de Faro, os agentes técnicos de Engenharia sr.ª D. Graça Maria da Silva Gonçalves e D. Maria Ercília de Carvalho Pereira de Magalhães e sr.ª D. Ana Maria Ferreira de Melo Perestrelo Celorico Drago; do 2.º grau, 1.º grupo, a sr.ª dr.ª Maria Clotilde Caldas de Vasconcelos Duarte; 2.º grau, 4.º grupo, a sr.ª D. Vanda da Encarnação Matias Fernandes e do 8.º grupo, a sr.ª D. Maria Amélia Machado Nunes.

Foi aprovado o contrato para continuação de 1.ª classe na Escola Industrial e Comercial de Silves, ao sr. Manuel Rodrigues Lourenço, continuação de 2.ª classe na mesma Escola.

PRIMÁRIO

As sr.ªs D. Maria Fernanda Paulo de Sousa e D. Maria Lucinda dos Santos Felício, professoras agregadas, foram autorizadas a contrair matrimónio, respectivamente com os sr.ªs José Alves Pereira Gonçalves e Manuel António da Encarnação.

Para regentes dos cursos de educação de adultos mistos da sede do concelho de Silves e S. Marcos da Serra (Silves), foram nomeadas as sr.ªs D. Maria Viegas da Silva e D. Maria da Conceição Ramos, regente escolar.

As sr.ªs D. Maria Delfina Rosa Amaral Silva Mota e D. Maria do Espírito Santo Sousa Correia, respectivamente professoras de 2.º grau, 4.º grupo, feminina n.º 4 de Tavira e da escola mista de S.ªmbada (Faro), foi concedida a 2.ª diuturnidade.

Foi exonerada a professora agregada sr.ª D. Judite Maria de Almeida Carranca Rodrigues Neto tendo sido nomeada para o quadro de agregados a sr.ª D. Carmelina de Almeida Pais.

A sr.ª D. Maria Celeste Martins Pontes dos Santos Silva, professora do 4.º lugar da escola masculina da sede do concelho de Albufeira, foi nomeada delegada do director escolar no mesmo concelho.

Encontram-se concluídos e foram entregues às respectivas Câmaras Municipais os edifícios escolares de 4 salas (urbano), em Lagos; 10 salas (urbano), em Lagos; e uma sala (rural) em Alta Moura (Castro Marim) e um edifício de 8 salas para cantina escolar em Ferragudo.

Trespasa-se em Tavira

Por motivo de retirada, estabelecimento, com ou sem existência. Bom local para qualquer comércio na Rua Jacques Pessoa. Resposta ao n.º 11480.

Comemora-se na segunda-feira em Faro o 25.º aniversário da Coleção de Arte «Ferreira de Almeida»

O grande benemérito farense e ilustre algarvio que foi o dr. Amadeu Ferreira de Almeida, ofereceu ainda em vida à sua cidade natal um valiosíssimo conjunto de objectos de arte (quadros, esculturas, medalhas, miniaturas), etc., que se encontra agora magnificamente instalado em duas salas dos Paços do Concelho, numa das quais funcionou o Tribunal Judicial.

Na segunda-feira comemora-se o 25.º aniversário da inauguração desta Coleção de Arte «Ferreira de Almeida», realizando-se às 17 horas uma visita guiada, orientada pelo sr. prof. José António Pinheiro e Rosa, director dos Museus Municipais.

A entrada é livre e assim o público farense tem o ensejo de assistir a uma jornada de esclarecimento e informação sobre as peças que constituem a Coleção.

A entrada faz-se pela Rua Domingos Gueiro (porta da Biblioteca Municipal).

TRESPASSA-SE

Salão de Chá «CHAMINÉ», Rua do Comércio — Olhão. Tratar com o proprietário na Rua de Olivença, 13-1.º — Olhão — Telefone 72468.

Prédio Vende-se em Loulé

Na Rua 1.º de Dezembro (Junto ao Mercado), ocupando uma área de 500 m2, com 2 armazéns e 2 boas habitações no 1.º andar. Boa construção. Tudo alugado a inquilinos seleccionados. Vende-se o conjunto ou em propriedade horizontal.

Os interessados devem dirigir-se a SEBASTIÃO VIEGAS MARTINS — Av. Rainha D. Amélia, 28-7.º Dto. — Telefone 79 32 61 — LISBOA - 5.

RESTAURANTE

A Estalagem «Caíque» espera por si, almoço e jante no «Caíque»

Nova Gerência

Rua Dr. Oliveira Salazar, 37 — Telef. 72167/68 — OLHÃO

Depois dos desgastes do Inverno



17 a 29 de março
30\$00

“EXAME” do seu carro

APENAS POR 30s00, submetemos o seu carro a um exame rigoroso à, Ignição • Bateria • Peças de desgaste no Inverno • Carburador (e gases de escape) VISITE-NOS SEM DEMORA!

EMPRESA DE VIAÇÃO ALGARVE, LDA.

R. Infante D. Henrique, 76 — Faro

Esteve concorrida a prova de vinhos realizada em Vilamoura

Os dirigentes da Taylor Fladgate & Yeatman, SARL, com os seus distribuidores no nosso País, Irmãos Costa Dias, Comércio & Indústria SARL, apoiados por duas firmas algarvias (J. A. Costa, de Faro e Vianco — Sociedade Comercial de Representações, Lda., de Albufeira) e a direcção da Lusotur — Sociedade de Financiamento e Turismo, SARL, promoveram na quarta-feira uma reunião destinada a divulgar os seus vinhos do Porto e da Madeira, que decorreu nas excelentes instalações do Clube de Golfe de Vilamoura, que se enquadram num vasto complexo turístico que depois de concluído, compreenderá numerosos hotéis, bungalows, vivendas, um dos maiores centros hídricos da Europa, a Estalagem da Cegonha, um porto de mar para barcos de recreio com a extensão de 20 hectares, clube de ténis, badmington e tiro ao arco.

Assistiram os directores de hotéis do Algarve, autoridades, e representantes da Imprensa, Rádio e Televisão, que foram recebidos pelos srs. Nick Brower, Jorge Amorim e David Green respectivamente da direcção geral, relações públicas da Lusotur e secretário do clube; Huische Bower e Alistair Robertson, directores, D. Maria Teresa Mancellos e Jeremy Bull, das relações públicas e direcção técnica de Taylor Fladgate & Yeatman e Paulo Costa Dias, administrador delegado de Irmãos Costa Dias.

O sr. Alistair Robertson, fez um resumo da história da casa Taylor, fundada em 1892 e proprietária de famosas quintas no Douro e o sr. Huische Bower apresentou os vinhos do Porto, Madeira e Xerez produzidos pela Taylor, tendo anunciado também o aparecimento dos vinhos de mesa «Montaria», e descritos as características de cada espécie. O sr. Paulo Costa Dias, referiu-se aos problemas de comercialização dos vinhos e às possibilidades que oferecem para o mercado turístico.

Seguiu-se a exibição de um filme sobre a produção de vinhos do Porto, comentada pelo sr. Jeremy Bull, e uma prova dos vinhos daquela prestigiosa empresa, que decorreu em ambiente de maior cordialidade.

A notável evolução registada no Banco do Algarve foi apreciada em recente assembleia geral

(Conclusão da 1.ª página)

aliás se encontra aguardando ratificação do sr. ministro das Finanças e que viria aumentar não só a capacidade financeira do Banco como constituiria um maior apoio às actividades económicas da Província.

Falou depois o sr. Brás Cabrita de Almeida Conde, que se referiu às dificuldades encontradas na administração dos bancos regionais, formulando votos para que, concedida a autorização legal, o Banco do Algarve possa em breve ter a sua representação na capital portuguesa.

Seguiu-se a votação do relatório, balanço e contas e parecer do conselho fiscal, que foram aprovados por unanimidade. Em relação aos lucros líquidos apurados, que foram de 2.245.424\$68, foi aprovada a aplicação proposta: para fundo de reserva legal, 225 contos; para fundo de reserva variável, 1.350 contos; para dividendo (cativo de impostos), 625 contos; para conta nova, 45.424\$68.

Finalmente foram eleitos os corpos gerentes para o triénio de 1969/71 que ficaram assim constituídos: assembleia geral: presidente, Virgílio Martins Calado; vice-presidente, dr. Manuel Mendes

Gonçalves; secretários, João Marques Mendes Madeira e Mutualidade Popular; Conselho Fiscal, efectivos: — José Alexandre da Fonseca; dr. António Carlos Rosa Nogueira e João Pinto Dias Pires; substitutos, José Mateus Horta, António da Ponte Eusébio e António Tomé Marcelino; conselho de administração: Sotero Mendes Pinto, Luís Gonçalves Camarada e Manuel de Sá Leão e Seabra.

Teatro em Faro

A vida artística da capital algarvia foi esta semana assinalada com dois espectáculos pelo Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve. Realizaram-se ambos no Teatro Estúdio, «oficinas» onde a arte continua a acontecer, graças a um punhado de boas vontades eivadas pelo estigma do mais puro amorismo. Na quarta-feira o espectáculo foi dedicado ao Centro de Alegria no Trabalho do Pessoal da Câmara Municipal de Faro, que assim continua interessado numa válida obra de promoção cultural.

O espectáculo principiou com a peça «O Dia Seguinte», do dr. Luís Francisco Rebelo, na encenação do dr. Emílio Campos Coroa. Seguiu-se «A cantora careca», de Eugène Ionesco, com encenação do dr. José Luís Louro.

Ontem, comemorou-se o Dia Mundial do Teatro e tal como em anos anteriores, o Grupo de Teatro do Círculo celebrou a significativa efeméride. O espectáculo foi dedicado aos sócios do Grupo e nele usou da palavra o dr. Emílio Campos Coroa, sendo representadas as peças «A cantora careca» e «Auto do Mestre Pathelin», de autor anónimo do século XV, na adaptação de Leon Chencereil e tradução de Luís de Lima.

Motorista

Com carta de ligeiros ou pesados, com prática. Precisa-se.

Resposta Rua Matias Sanchez, n.º 17 — Vila Real de Santo António.

Atenção Sr. Lavrador

Defenda os seus pessegueiros da LEPRO utilizando antes e depois da rebentação, o fungicida específico.

ZIRAME-VALADAS

Para esclarecimentos dirija-se a

VALADAS, LDA.

Secção de Pesticidas

Av. D. Carlos I, 60 — LISBOA — Telef. 669182 e 663113/4/5

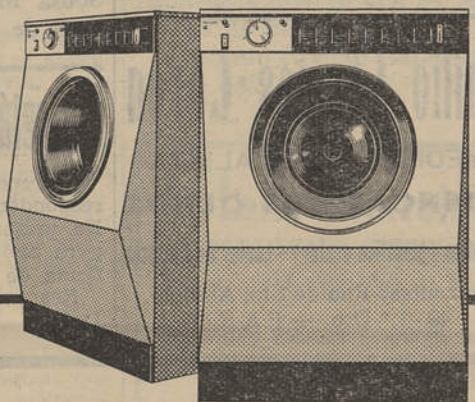
FILIAIS: Porto - Covilhã - Santarém - Évora
Beja - FARO - Alcobaca - Torres Vedras

Antes de usar um pesticida, leia o rótulo

QUEM LAVA A ROUPA NUMA

incli-matic

FA-LO POR GOSTO!



incli-matic

A MÁQUINA DE LAVAR AUTOMÁTICA DE TAMBOR INCLINADO E CAPACIDADE VARIÁVEL

UM TRIUNFO DA TÉCNICA

PHILIPS

CONSULTE OS AGENTES

FARO
LOULÉ

JOSÉ GUERREIRO MARTINS RAMOS

OLHÃO

ARCANJO & VEIGA, LDA.
PALMA, RIBEIRO & CALÉ, LDA.

TAVIRA

CUNHA & DIAS, LDA.

Netos

José Guerreiro Neto & Filho, L. da

LOULÉ — Rua Padre António Vieira — Telef. 283

FARO — Rua Pé da Cruz — Telef. 24585

empreiteiros re-
comendados pela

Shell Portuguesa
S. A. R. L.

na aplicação de
FLINTKOTE

→ IMPERMEABILIZAÇÕES

→ PAVIMENTOS

FLINTKOTE



Gago Coutinho glória de duas pátrias

(Conclusão da 1.ª página)

guese do comandante Moura Brás, do estudo que a este diário consagrou o prof. Franz Hummerich. Nas conclusões do seu estudo crítico das fontes conhecidas que descrevem a viagem do descobrimento do caminho marítimo para a Índia, refere: «...pondo de parte os episódios românticos e as tormentas com que alguns ainda a pretendem complicar ou ilustrar, a viagem de Vasco da Gama revela que se não tratou apenas de um acto de arrojo, empreendido por um chefe energético e autoritário, acompanhado de pilotos mais intimamente que experientes. É certo que houve de lutar com energia contra dificuldades imprevistas. Mas a análise náutica da rota de Vasco da Gama — estudo com que os historiadores, em geral mais admiradores de Vespúcio do que dos navegadores portugueses, se não têm preocupado — esse estudo denuncia transparentemente, por detrás dos resultados obtidos, um conhecimento do mar, que não era intuitivo, mas só possível de adquirir em resultado de uma inevitável exploração prévia. Portanto, os pilotos de Vasco da Gama — como os de Cabral — navegaram como se lessem, diante, exactamente como os de agora, cartas completas, indicando os ventos dominantes. As suas rotas, por vezes indirectas, foram idênticas às dos veleiros modernos. Ora, um tão largo conhecimento marítimo não podia ter sido adquirido logo à primeira tentativa de homens excepcionais, como alguns pretendem. Exigiu laborioso e metódico exame do mar, no qual o novo recurso da Navegação Astronómica deu aos mareantes portugueses confiança para, sem risco de lá se perderem, irem reconhecer o mar largo, e descobrir os seus ventos».

Nesta interpretação da rota de Gama, Coutinho toma como base terem os navegadores, nessa altura, o conhecimento já seguro dos ventos. Quando interpreta o descobrimento dos Açores, considera haver já conhecimentos que permitam a navegação em mar largo. Quando analisa e critica a descoberta do Brasil, admite e considera já ser ele conhecido antes de 1500, pelo menos na parte que ia mais a Leste, ou barlavento, da costa de Pernambuco.

Coutinho estudou ainda a intervenção dos portugueses no descobrimento do Atlântico Norte. Apoiou-se pelo estudo desta época grandiosa da nossa epopéia marítima e indaga sobre os seus conhecimentos científicos. Assim sabe que o grau do meridiano já é utilizado em cálculos; sabe do emprego do astrolábio, como instrumento para medir a posição dos astros e a sua altura acima do horizonte; sabe também que já cartavam, ou que determinavam na carta geográfica o ponto em que o navio se encontrava. O trabalho paciente que realizou, neste campo de investigação, permitiu apontar e desfazer omissões, emendar erros e esclarecer dúvidas. A quem se dedique ao estudo desta época magnífica da nossa história, torna-se forçoso consultar a obra de investigação que nos transmitiu.

Os numerosos trabalhos que Gago Coutinho escreveu, foram reunidos em 1951-52, na obra «A Náutica dos Descobrimentos». Porém uma boa parte da sua obra encontra-se dispersa, ou inédita.

Foi sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Portuguesa de História, da Sociedade de Geografia de Lisboa e do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil.

Dedicou uma parte dos últimos 25 anos da sua vida ao estudo da História dos Descobrimentos.

De entre as honras e distinções que mereceu, podemos ainda referir que foi presidente da Comissão de Cartografia e que, tendo sido promovido por distinção, em 1922, a contra-almirante, foi promovido a almirante em 1958, por deliberação da Assembleia Nacional.

Após longa e laboriosa existência, morre Gago Coutinho a 18 de Fevereiro de 1959, no dia seguinte àquele em que completara o nonagésimo aniversário. Nesse momento, as portas de bronze da imortalidade, rangendo nos gonzos, abriram-se, para dar passagem em seus umbrais à figura gloriosa do almirante e do sábio, que ia tomar lugar junto de seus pares, os heróis nacionais, cujos nomes são ensinados à juventude, para não serem esquecidos, através dos tempos, os melhores exemplos da raça lusitana.

Guilherme d'Oliveira Martins

A MODA VAI TER CONSIGO!

Faça o seu pedido de amostras ao

**ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS
BRAZ & SOBRINHO**

Apartado 43

COVILHÃ

◆ Preços muito mais convidativos ◆ Vendas directas ao consumidor ◆

TAVIRA

AOS SRS. INDUSTRIAIS DE HOTELARIA
TERRENO COM PROJECTO APROVADO PARA
A CONSTRUÇÃO DO HOTEL AFONSO III
LEILÃO JUDICIAL

Dia 28, às 15 horas

Por determinação do Meritíssimo Juiz de Direito do Tribunal Judicial de Tavira nos autos de carta precatória emanada da 2.ª Secção da 4.ª Vara Cível da comarca de Lisboa, contra a COTEFIL - Construções Técnicas e Financiamentos, Lda., será posto em praça, no próprio local, o terreno acima indicado.

O projecto pode ser visto no nosso escritório todos os dias úteis das 10 às 13 e das 15 às 18 horas.

A LEILOEIRA, LDA.

Av. 5 de Outubro, 23-1.º — LISBOA — Telef.: 4 59 34 - 4 62 59

CORREIO de LAGOS

A visita do novo comandante
da 3.ª Região Militar ao
C. I. C. A. 5

Pudemos acompanhar o sr. general Louro de Sousa, na visita oficial que agora fez ao C. I. C. A. 5, por ter assumido o comando da 3.ª Região Militar.

Após a apresentação pelo sr. comandante Tavares de Pinha das classes de oficiais e sargentos, das quais fez o elogio, disse o sr. general da atenção que lhe merecia o C. I. C. A. 5, por de certo modo ter contribuído como director-geral de Transportes, para a sua criação.

Teve o signatário oportunidade de agradecer o convite recebido para a cerimónia e de manifestar a sua satisfação, que é a de todos os lacobrigenses, pela acção do C. I. C. A. 5 e pelo seu valioso contributo para o progresso da cidade. Referiu a utilíssima ajuda dada por aquela unidade na extinção do recente incêndio em Barão de São João e a quando do sismo de 28 de Fevereiro, bem como os melhoramentos realizados no quartel.

A seguir, em ambiente de confraternização, foi servido um almoço a que assistiram as autoridades e convidados. Intendeu-se depois, o sr. general Louro de Sousa acompanhado dos oficiais superiores do Centro, do seu ajudante e elementos ligados aos serviços de fortificação e obras militares dos estragos causados pelo recente sismo que, contrariamente ao que julgávamos, atingiram em alguns pontos proporções alarmantes. Foi visitado o parque de viaturas em construção, com passagem por um troço de muralha que oferece perigo, e a escola de condução, que pouco sofreu, registando-se troca de impressões sobre a melhor forma de remediar os estragos.

Urge dar caça aos boateiros

Por estar mais que provado que sismos como o de 28 de Fevereiro, não podem ser evitados pelos maiores cientistas do mundo, e apesar dos muitos aparelhos que inventaram, ainda não é possível precisar dias e horas de novos sismos, impõe-se a cada um dos boateiros que parecem sentir prazer em alarmar os que ainda estão amedrontados pelas catástrofes recentes. A cada momento nos surgem pessoas falando de novo abalo de terra que a disse que passaria no próximo dia 28 em outubro e hora, estabelecendo-se assim pânico que urge evitar. Até mesmo que os aparelhos algo acusem, tudo se afigura de encaminhar para que o espírito de conformidade surja e o pânico se evite.

Os que presidem aos nossos destinos assim o entendem fazendo constar que se impõe não dar ouvidos aos boateiros.

Acompanhem-nos pois, de alma e coração e não esqueçamos aquele ditado do povo que diz: «Quem tem de morrer em palheiro não lhe erra a porta».

Troço de muralhas que oferece perigo

Das muralhas que restam do tempo dos nossos avós, tem Lagos um troço restaurado a quando das comemorações Henriquinas, e alguns troços que mesmo sem reparação prometem resistir, pela solidez da construção, mas também tem um troço em ruínas desde há muito, e que caiu em parte por ocasião do sismo de 28 de Fevereiro.

Trata-se do troço que da Porta da Vila circunda parte do quartel militar. O que não ruiu oferece perigo, por fendas bem visíveis, como tivemos ocasião de constatar de um quintal de prédio particular com que confronta. Não se nos afigurando de interesse sob qualquer ponto de vista a conservação do citado troço, constituído por um misto de taipa e pedras, sem solidez portanto, ousamos defender que a bem não só dos particulares com que confronta, mas da propriedade do Estado que é o quartel militar, tal troço seja demolido para dar lugar a vedação que se ajuste à segurança do quartel sem prejuízo de obras particulares que existam junto à muralha.

Para que aos vindouros se possa dar a ideia do troço em causa, existe um bom estado de conservação o forte pilar em que se fixa a Porta da Vila e o respectivo baluarte, que tem muralha

Casas Pré-Fabricadas e Bares vende

Gonçalves Beirão

Telef. 42137 - S. Brás de Alportel

Negócio com futuro

Joaquim Amado Vieira — Odiáxere, telef. 14108 — vende terreno com projecto aprovado para sala de espectáculos (cinema) ou aceita sócio para a obra e exploração.

e outros baluartes até ao da Porta do Postigo, em condições de atestar o passado histórico de Lagos. O baluarte da Porta do Postigo que está rodeado de currais, é um dos que oferecendo condições para ser utilizado pelos que nos visitam, merece a atenção dos que são pela conservação dos monumentos nacionais e assim estamos convencidos que se cuidará deste e se demolirá o que não interessa a gregos nem a troianos.

JOAQUIM DE SOUSA PISCARRETA

ALBERTO DE SOUSA
CLÍNICA MÉDICA
Consultas diárias

R. Artilharia Um. 48-1.º, D.
Telef. 685251
Consultórios: Praça do Norte, 2-1.º
Bairro da Encarnação
Telef. 311282

LISBOA

**Novo espectáculo da
Pró-Arte vai realizar-se
em Faro**

(Conclusão da 1.ª página)

cidos poetas algarvios João de Deus, João Lúcio, Bernardo de Passos, Emílio da Costa, João Braz, Júlio Dantas, Cândido Guerreiro e António Pereira, que serão interpretados pela conhecida declamadora D. Germana Tãnger, professora da arte de dizer do Conservatório Nacional e com inúmeros recitais em Portugal e no estrangeiro.

Uma grande noite de Arte, sem dúvida, esta que se prepara em Faro, com o patrocínio da Cruz Vermelha Portuguesa e que estamos certos atrairá muito público à capital sulina.

FERTIZAL

ADUBO FOLIAR

Um progresso em fertilização!

- ★ estimula a actividade vegetativa
- ★ antecipa a maturação
- ★ favorece o desenvolvimento da fruta e evita a sua queda
- ★ melhora a cor e a qualidade
- ★ aumenta os rendimentos unitários

LISBOA

Rua Vítor Cordon, 19

Telefone 366426



Depositário em FARO

JOÃO INÁCIO

Horta das Figuras-Faro

Telefone 24000

Depósitos e Revendedores no Continente, Ilhas e Ultramar

QUEM BEBE VINHOS

ARRUDA
NÃO MUDA



Produzidos pela: ADEGA COOPERATIVA DE ARRUDA DOS VINHOS

exija-os sempre a sua mesa

em casa, no bar ou no restaurante

TINTO • BRANCO • RUBI

Um produto da rede distribuidora

DEPOSITOS - FARO telef. 23669 - TAVIRA telef. 264 - LAGOS telef. 287

PORTIMÃO telef. 148 - ALMANCEL telef. 34 - MESSINES telef. 8 e 89

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

ESTABELECIMENTOS TECHO FONTAINAS NETO - COMERCIO E INDUSTRIA, S.A.R.L.

TELEF. 2433 • TEL. 1207 • TEL. 8 10 00 • CAIXA POSTAL 1

S. B. de MESSINES - ALGARVE - PORTUGAL

Cartas à Redacção

**Os Bombeiros de Silves e as destruições
provocadas pelo sismo em Fonte dos Louzeiros**

Silves, 15 de Março de 1969

Sr. director,

Na qualidade de comandante dos Bombeiros Voluntários de Silves, sou forçado pela força das circunstâncias a expressar indignação em nome do Corpo Activo pelo teor de um artigo publicado no vosso jornal de hoje, 15 do corrente, com o título «Tempo de Comendário, Silves ou a desolação» de Torquato da Luz.

Diz o articulista em determinada altura, o seguinte: «Os bombeiros têm tanto que fazer!» disse o presidente da Câmara. E como tinham muito que fazer, não puderam ir a Fonte dos Louzeiros.

Assim que tomei conhecimento do que se havia passado no povoado de Fonte dos Louzeiros, apresentei o assunto ao sr. presidente da Câmara, sábado de manhã, 1-5-69, que na minha presença pediu urgentemente ligação telefónica para o sr. governador civil (que se encontrava em Lagos, conforme foi informado) a fim de serem tomadas as medidas de assistência que se impunham.

No dia seguinte, 2 do corrente, domingo, foi a Corporação com o máximo dos seus efectivos, comandada por mim, prestar àquela gente a assistência que lhes é acessível, proceder a escomentamentos, desmornar o que representava

perigo, colocar sinalização em lugares perigosos e além do mais, confortar aquela gente.

Tudo isso e a condução de uma parturiente em perigo de vida para o hospital de Silves, foi feito desinteressadamente, abnegadamente, com aquele espírito de sacrifício que é apandido dos bombeiros e ainda sob temporal. Antes e depois deste serviço, poderia citar a V. o que esta rapaziada valente fez e tem feito, a braços com enxurradas constantes numa área de centenas de hectares. Não sr. director, torna-se necessário corrigir o mal que esse artigo representou não só para a Corporação que tem um passado glorioso, como para estes soldados da paz em que está para nascer o dia em que fugiram aos seus deveres, por mais duros que sejam.

A Corporação fica com os olhos postos em vós, e aguarda que lhe seja feita justiça.

Com os mais respeitosos cumprimentos,

A bem da Humanidade

O comandante,

Salvador de Sousa Fava

**I encontro sobre
desenvolvimento
regional da região sul**

Integradas no I Encontro da Região Sul, vão realizar-se no Palácio D. Manuel, em Évora, três conferências focando pontos de largo interesse no âmbito da vasta problemática do planeamento regional.

A primeira, que será a de abertura do Encontro, efectua-se amanhã, a cargo do dr. Nuno Morgado, director-geral do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho e tem por tema «O Planeamento Regional e o III Plano de Fomento».

A segunda conferência, no próximo dia 28, será pronunciada pelo sr. eng. Armando da Palma Carlos, director-geral dos Serviços Hidráulicos e versará «O Plano de Rega do Alentejo». Finalmente, na terceira conferência, a realizar em 28 deste mês, o sr. prof. eng. Manuel de Abreu Faro, presidente do Instituto de Alta Cultura, apresentará o tema «Os valores humanos e o desenvolvimento regional».

No domínio das actividades culturais, os participantes do Encontro poderão apreciar um concerto de instrumentos antigos, a realizar na igreja dos Loios, o qual é oferecido pela Câmara Municipal de Évora.

Exibir-se-ão, ainda, em três dias sucessivos, «Os Bonecos de Santo Aleixo», preciosa e rara jóia do nosso rico património etnográfico.

OS C. T. T. NO ALGARVE

Foram transferidos a seu pedido, do cântaro 194 com sede em Silves, para o 670, com sede em Aljustrel, e vice-versa, respectivamente os srs. José Lucas Matoso, guarda-fios de 3.ª classe e Manuel Venâncio Pires, guarda-fios de reserva.

**Empregado
de Escritório
(Escriturário)**

Curso Comercial, alguns conhecimentos línguas, livre ou isento serviço militar e c/idade superior 21 anos, admite: E. TORRES PINTO DA SILVA, LDA. — Bom João — Faro.

Estando empregado guardase o sigilo.

J. ANDARES

P
I
M
E
N
T
A
S.A.R.L.

LINHAS DE SINTRA E CASCAIS
Especialmente Amadora, Venda Nova
e Paço d'Arcos

PAÇO D'ARCOS
ESPARGAL
LINDA VISTA DO MAR

AMADORA
Frente à Estação
do C. F. e
REBOLEIRA

190 CONTOS RENDEM-LHE 1187\$50 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.

Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.

Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos.

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 - 4 78 43

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70



Projectos que se desejam realidades

INÚMEROS projectos têm sido concebidos nos últimos anos em relação à Fuzeta, no que respecta à vias de acesso. Uma não tem passado de meras hipóteses (caso do alargamento da Ponte Grande), ao passo que outros têm merecido os estudos convenientes e integração até em planos municipais.

Obras que se desejam porque são absolutamente necessárias à «noiva branca do mar», quer por permitir um acesso e trânsito em melhores condições, como ainda por virem determinar a possibilidade de novas zonas urbanizáveis. E este último factor é sobremaneira importante, numa terra aberta entre o mar e a via férrea.

Referimo-nos concretamente à tão falada estrada marginal ou de acesso à lota, assim como à pavimentação das ruas Prof. Manuel Carlos e de ligação entre a Rua Dr. Oliveira Salazar e a zona da vendagem. São assuntos que se arrastam há bastante tempo, votados a tal posição por carências económicas com que todos os Municípios lutam, mas para os quais se pedem e desejam as rápidas soluções que a sua importância determina.

Ainda agora com a vedação parcial da faixa de rodagem na artéria principal pelo perigo que oferecia uma construção abalada pelo fenómeno telúrico, veio criar nova actualidade, que aliás tem sido sempre permanente a Rua Prof. Manuel Carlos.

A construção das outras referidas vias de acesso dotaria a Fuzeta de um esquema rodoviário válido e bem necessário nos dias que correm.

Ainda neste aspecto e porque amanhã ao local ocorrendo centenas de pessoas, lembra-se o aspecto inacabado que oferece o Largo da Igreja: uma parte pavimentada, outra por pavimento.

Além dos actos de culto, temos o acesso à residência paroquial e um posto de teleselecção, frequentado por muita gente de alunos. Para além do aspecto estético, a validade destes motivos dizem bem que o Município deveria a curto prazo emprender a tarefa da sua promoção.

Pouco pede a Fuzeta, mas deseja que esse mesmo pouco que lhe é prometido, se concretize nos tempos devidos.

JOÃO LEAL

JORNAL DO ALGARVE
N.º 626 — 22-3-69

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

2.ª Publicação

Pelo Juízo de Direito desta comarca, Secção de Processos, correm editos de vinte dias, contados da segunda publicação do presente anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Manuel José da Encarnação Ferreira, casado, comerciante, que residia em Monte Gordo, sítio do Sertão, e actualmente vive em Lisboa, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Firma «Viúva de José Joaquim Capa & Filhos», desta vila, desde que gozem de garantia real sobre o imóvel penhorado.

Vila Real de Santo António,
10 de Março de 1969.

O Escrivão de Direito,

a) João Luís Madalena
Sanches

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

a) Manuel Nuno de Sequeira
Sampaio da Nôvoa

TINTAS «EXCELSIOR»

Novos corpos gerentes

Sporting Clube Olhanense

Em assembleia geral extraordinária do Sporting Clube Olhanense foram eleitos os seguintes corpos gerentes para o biênio 1969-1970:

Assembleia geral — presidente, dr. José Gomes da Brito Barbosa; vice-presidente, dr. Arnaldo da Assunção Matos; secretários, Herculano Xavier Oliveira Valente e José Romão Guerreiro dos Santos.

Direcção — presidente, Lourenço Baptista Lopes de Mendonça; vice-presidentes, António Leal Júnior, José Damásio Dias Simão e Nelson da Conceição Louro; secretário, Lourenço Pires Mendonça; tesoureiro, José Celestino Lopes Guerreiro; vogais, João de Almeida Vela, João Lopes Pereira, Liédio Mendes Correia, Manuel Pedro Paulo, Francisco Pedro Lopes, João Vaz Velho de Freitas e Joaquim do Nascimento Neto.

Conselho fiscal — presidente, António Amadeu do Serro; secretário, Fernando Soares Leitão; relator, Alvaro Paulo Fuzeta Cativo; suplentes, Américo Rodrigues Afonso e António Mercedino de Sousa Guita.

Clube Esperança de Lagos

Foram eleitos os corpos directivos do Clube Esperança, de Lagos, que ficaram assim constituídos:

Assembleia geral — presidente, José dos Reis Bravo; vice-presidente, Raul Queiroz Taquelim; secretários, Serafim da Glória Santos e Jacinto C. Santos; vice-secretário, Herculano da Glória Monteiro.

Direcção — presidente, Júlio Henrique J. Mesquita; vice-presidente, José Manuel P. Paula Franco; tesoureiro, José Augusto Escala; secretários, Fernando da Conceição Filipe e Belizário

dos Reis Correia; vogais, José Alexandre Rosa e João Martins Patrício; suplentes, João da Silva Arvelos e Adélino Alberto Amélio.

Conselho fiscal — presidente, José Augusto Dias Oliveira; secretário, Alberto Jaime de Jesus Pinto; relator, José Rosado Bago d'Uva.

Sport Algez e Benticla

Os novos corpos gerentes do Sport Algez e Benticla, ficaram assim constituídos:

Assembleia geral — presidente, Josué Jorge dos Santos; secretários, Constantino Gonçalves Rodrigues e José Eduardo dos Reis.

Direcção — presidente, João Firminio Gonçalves Guia; secretário, Manuel Joaquim Bitoque dos Santos; tesoureiro, Joaquim António Martins.

Conselho fiscal — presidente, José Vieira dos Santos; secretário, José Amílcar da Conceição Cabrita; relator, Francisco Pires.

Clube dos Amadores de Pesca de Faro

Em assembleia geral efectuada na sede da agremiação, foram eleitos os seguintes novos dirigentes do Clube dos Amadores de Pesca de Faro:

Assembleia geral — presidente, Aníbal de Sousa Guerreiro; vice-presidente, José Sebastião Teixeira; secretários, José de Jesus Rosa e Bernardino dos Santos; vogais, José Mascarenhas Xavier e António da Conceição Ramos.

Direcção — presidente, Luciano dos Reis Baião; secretário, César Martins Soares; tesoureiro, João da Conceição Ramos; vogais, José Paulo dos Santos e Félix das Dores Prazeres; suplentes,

Cartório Notarial de Lagoa

A cargo da Notária Catarina Maria de Sousa Valente

Martins & Pontes, Limitada

Certifico que no dia 26 de Fevereiro de 1969, foi exarada uma escritura de folhas 79 a folhas 81 do Livro de notas para escrituras diversas A-13 deste Cartório, pela qual foi constituída entre João Pedro Correia Martins e Sebastião Pontes Inácio uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, nos termos e cláusulas constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «MARTINS & PONTES, LIMITADA» tem a sua sede na vila e freguesia

de Lagoa, Rua Mouzinho de Albuquerque, número 35, e durará por tempo indeterminado a partir de hoje, podendo os sócios em assembleia geral deliberar a sua mudança.

SEGUNDO — A sociedade tem por objecto o comércio de frutas e produtos hortícolas, podendo porém dedicar-se a qualquer outro ramo de comércio ou indústria que não dependa de autorização especial.

TERCEIRO — O capital social é de 50 000\$00, inteiramente realizado em dinheiro, já entrado na caixa social, e representado por duas quotas iguais de 25 000\$00, uma de cada sócio.

QUARTO — A cessão de quotas entre os sócios é livremente permitida, mas a estranhos só poderá efectuar-se com o consentimento da sociedade.

QUINTO — A administração da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele activa e passivamente incumbem a ambos os sócios que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral.

PARÁGRAFO ÚNICO — Para obrigar a sociedade é necessária a intervenção conjunta dos dois sócios gerentes podendo os actos de mero expediente serem assinados indistintamente por qualquer sócio.

SEXTO — É expressamente proibido aos gerentes obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor, e outros actos ou documentos estranhos aos negócios sociais, sob pena de responderem individualmente pelos prejuízos que possam ser causados à mesma.

SÉTIMO — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios, com oito dias de antecedência pelo menos desde que a Lei não prescreva outras formalidades.

OITAVO — No caso de morte ou interdição de qualquer dos sócios a sociedade continuará com os herdeiros do falecido ou o representan-

Trespassa-se

Estabelecimento numa das principais ruas da cidade de Faro. Dá para qualquer ramo de negócio. Café, Casa de Chá, etc. Grande área — Óptima localização.

Trata AUTO GHARB

Rua do Alportel

Telef. 23071

F A R O

Terreno ou Quinta

Compro (ou alugo), de preferência nos arredores ou proximidades de Faro, com água abundante e arvoredo.

Favor escrever para sr. Vítor, Rua dos Celeiros, 26 ou telefonar ao n.º 24968—FARO.



DESPORTO QUE MERECER ATENÇÕES

Em Olhão ama-se o desporto e vibra-se nos desportos. Destes, o mais representativo, por isso chamado o desporto-rei, tem oferecido tardes gloriosas à Vila Chibista, dando-lhe, pelos méritos do seu principal clube, o Sporting Clube Olhanense uma projecção extraordinária que não se limitou à terra portuguesa.

Outros clubes se têm distinguido na prática do futebol, tanto na vila como no concelho, alcançando, em escala mais modesta, o interesse das populações, casos do Lusitano Moncarapachense e do Sport Lisboa e Fuzeta.

Os torneios populares mostram-nos regularmente uma pléiade de pequenas colectividades, interessadas em progredir, e onde se forjam muitos dos atletas que mais tarde irão reforçar e valorizar as grandes equipas.

Outro desporto «crijo», o basquetebol, tem merecido os favores da juventude local, que especialmente em Os Olhanenses e no Sporting Clube Olhanense se vem cotando, com brio e classe, nas competições à escala nacional.

Porém...

Num plano desportivo menos «crijo», uma actividade tem, de há muitos anos, conquistado as atenções da Província. Sala, mesa, «raquetes» e bolas são os seus indispensáveis requisitos e a simpática modalidade conta, em alguns centros, com ardorosos entusiastas, que lhe dão quanto podem e sabem.

É o ténis de mesa, o popular pingue-pongue, que todavia só no ano findo tomou carácter oficial no Algarve, com a constituição da respectiva Associação regional. Esta, desenvolvendo notável actividade, tem já várias provas de como realizadas e as suas equipas já derrotaram de maior tom, se tenha até agora preocupado com a preparação e constituição de uma equipa de pingue-pongue, capaz de vir a alinhar em provas oficiais. E não seria boa altura de se ir pensando nisso, já que Olhão não costuma «marcar passos» em quanto ao progresso e evolução do desporto respectivo?

Confiamos e aguardamos.

J. LIMA

A TOCA DO CARACOL

em ALCANTARILHA (Tel. 113)

é o mais típico

Restaurante do Algarve

QUARTOS

te do interdito, nomeando aqueles um que a todos represente na sociedade enquanto a quota permanecer indivisa.

Está conforme.

Cartório Notarial de Lagoa, 12 de Março de 1969.

A Notária,

Catarina Maria de Sousa Valente

voe para a Austrália pela rota repousante sem aumento de preço



uma nova rota a jacto da South African Airways para a Austrália

Da Europa via África do Sul para a Austrália. Uma nova rota sem aumento de preço, oferece a oportunidade de fazer escala na África do Sul e ali permanecer o tempo que quiser, dentro da validade do bilhete.

Cinco Boeings 707 partem regularmente de Lisboa para Joanesburgo, permitindo-lhe passar uma ou mais noites naquela cidade. Sem aumento de preço poderá interromper a sua viagem para visitar a sua família, conhecer

Joanesburgo, ou ainda admirar algumas das mais belas paisagens e Parques Nacionais da África do Sul.

Os serviços para a Austrália partem de Joanesburgo às 2.ª e 4.ª feiras de manhã, directamente para Perth e Sydney onde chegarão na manhã seguinte. Seja qual for a sua escolha, a sua viagem proporcionará-lhe, pelo menos, uma noite de escala num dos mais luxuosos hotéis de Joanesburgo.



Consulte o seu Agente de Viagens IATA ou a



SOUTH AFRICAN AIRWAYS

Rua Joaquim António de Aguiar, 3 — Telef. 53 6102 — Lisboa-1

(*Em colaboração com TAP e QANTAS)



ANTIGUIDADES

caravelas

COMPRA E VENDE

Móveis, Quadros, Porcelanas, Moedas, Jóias, Pratas, etc.

Av. Jorge V, 40 - Telef. 2470423 (junto à marginal)

CARCAVELOS

PAGA BEM E VENDE BARATO



JORNAL do ALGARVE

CRÓNICA DE PORTIMÃO

por CANDÉIAS NUNES

Coisas da Lavoura

NUNCA ainda, que me lembre, aqui botei quaisquer falas sobre assuntos de lavoura. Esta a primeira. A verdade é que nós todos, os da cidade, a contos com turistas, rendas de casa, altas de preços, etc., raramente nos preocupamos com esses assuntos tidos por marginais, só a outros respeitando. Dir-se-ia que conhecemos as lavouras apenas de as ter comido no acompanhamento de carapaus fritos, e que julgamos o trigo uma pasta mais ou menos branca de que se fabrica o pão. É de que, às vezes, nos roubam no peso.

A crise da lavoura é uma coisa longínqua de que os jornais falam por desfastio e os políticos por obrigação, não que nos toque. Nada que se compare, por exemplo, à crise da pesca da sardinha pois essa sim, aflige-nos e bastante!

Ela, sem sombra de caricatura, a reacção dos portimonenses aos problemas da lavoura. Pelo menos, daqueles que nela não tenham interesses directos, como, aliás, acontece a este vosso amigo.

No entanto, embora o turismo e as indústrias da pesca sejam, de facto, actividades que interessam grande número de portimonenses, não há dúvida também que a agricultura representa ainda uma larguíssima parcela da actividade económica do concelho, coisa que parece ter sido esquecida nesta euforia de hotéis, mar azul e sol escaldante.

Certo que a lavoura tem culpa neste esquecimento de que é vítima. Já que tão pouco se faz lembrar. Metida até aos gorgomilos no pantanal da indiferença, do não-te-rais, do deixa-andar, ou na impossibilidade de ser de outro modo, parece que, pelo menos entre nós, ainda se não deu conta de que os tempos vêm sofrendo uma tremenda evolução, e que o ginchar dos pneus nas estradas asfaltadas banir ou banirá de vez o gemer do rodado das carroças nas velhas carreiras.

Imagem literária, talvez, mas que de certo modo corresponde à situação da agricultura local, Maria vai com as outras, de quem ninguém sabe os problemas específicos, para quem não há chuva ou bom tempo — há o que Deus trouzer.

Contudo, à semelhança de outros concelhos, Portimão também tem um Grémio da Lavoura, organismo que seia ou deve zelar os interesses dos lavradores seus associados. É uma Cooperativa Agrícola, não diremos que igual às demais, mas de qualquer modo uma cooperativa agrícola. Pergunta-se: para que servem estes organismos corporativos e cooperativos da lavoura portimonense? Quem serve e quem tira proveito (se algum tira) da sua existência?

Perguntas pertinentes (parece-nos), na medida que se nos afigura que um Grémio da Lavoura e uma Cooperativa Agrícola deverão ser elementos dinamizadores e coordenadores da actividade agrícola, força activa e autêntica na defesa dos interesses de todos os associados. Nunca organismos que vivam apenas uma função burocrática, só porque um dia foram criados, sem correspondência de um genuíno e claro interesse colectivo.

Que esse interesse colectivo existe é um facto inegável, se verificarmos as características essencialmente agrícolas da maior parte do concelho. Que os referidos organismos o sirvam é um ponto que gostaríamos de ver melhor aprofundado por quem saiba e possa chegar-lhe ao fundo. Sem escafandro.

DOS ESTILOS POUCO AMADURECIDOS ÀS IDEIAS NECESSÁRIAS PARA O ALGARVE

por Carlos Albino

PRECISA este Algarve mais de ideias do que de estilos literários. Isto é, precisa mais de ideias verdadeiras que levem os algarvios a lutar e a alcançar as soluções dos seus problemas, do que de retórica ou de poética. Soluções económicas e financeiras que visem os interesses gerais e o bem-comum das populações e não insistentemente os interesses individuais. Precisa o Algarve, mais de críticos da educação e instrução dos jovens algarvios, nas famílias e nas escolas, que vegetam por aqui discriminadas do mundo do trabalho, discriminando por sua vez entre si a juventude impregnada de complexos de superioridade e de inferioridade, fabricando-a numa rede de ociosos e de febris, quando, senhores que me lêem, é com as mãos borradas de óleo das máquinas e com cabeças sem metáforas que se consegue uma sociedade justa. Precisa o Algarve, para além de tudo isso, de ideias para a reestruturação das suas actividades culturais e associativas.

E por isto que escrevo: não com a pretensão de ser um jornalista consumado, mas com a tendência de ser um aprendiz de sociologia que ama a sua terra na medida em que a conhece e que conhece; na medida em que deseja a discussão e a razão do bem-comum; voltado pois, para a praça da promoção e não para a avenida do vedetismo. Com isto não tenho fé em nada para ser livre, mas procuro as razões em tudo para tornar útil a minha liberdade. Bem ou mal, mas procuro uma solidariedade urbana, aqui no Algarve.

Mas também quero libertar-me «dos que ainda sentem na vida a necessidade de lutar por qualquer coisa que não seja os seus exclusivos interesses individuais» para despertar para as coisas concretas do bem-comum os que já sentem na vida a responsabilidade daquilo mesmo.

Num estilo nem sempre fácil. Mas estilo de quê? Estilo de ideias? Estilo de expressão literária? O que é isso de «estilo»? E porquê? A isto, quem me saudou nas «Notas à margem» de há algumas semanas não me respondeu.

Se é ao estilo das ideias a que o autor das «Notas» se refere, na medida em que já se sente mais o bem-comum do que o próprio ou o dos outros apenas, sabe-se

muito bem que o estilo de ideias, por acaso, hoje tem que ser difícil no meio de tanta gente que ainda se preza em ser individualista e altruista. É este difícil estilo de ideias que me leva a ser responsável sem estar instituído.

Mas se o autor das «Notas» se refere ao estilo literário, já discordo porque ainda não encontrei em nenhuma farmácia qualquer xarope literário cuja posologia indicasse que com duas ou três metáforas tomadas por dia, o Algarve aliviará as dores de cabeça causadas pela emigração e por tudo aquilo que a motivou, pelo atraso tecnológico das suas actividades industriais, pela decadência das suas instituições culturais. E um leitor, por julgar que eu andava iludido à busca desse xarope chegou a reagir há tempos por uma certa mistura que fiz entre um assunto de desenvolvimento e uma evasão metafórica.

Quer isto dizer que há certas coisas que não podem ser ditas com as palavras que se utilizam numa poesia lírica ou com as que se encontram na farmacopeia camoniana. Até porque parto do princípio de que todos nós devemos considerar idealmente evoluídos, embora na prática sejamos nós os primeiros a contrariar tal princípio. De outro modo em vez de ajudarmos a construir um jornal, um instrumento de desenvolvimento, um manual para compreender a vida nas suas circunstâncias de tempo e espaço, teríamos uma selecta de textos, bem escritos mas inexactos, que serviria mais para destruir a opinião pública do que para a formar.

E por isto que o estilo das ideias, por mais que a gente se esforce por amadurecê-lo fica sempre pouco amadurecido. Seria até desnecessário relembra-lo. Acontece até que por esse esforço ficamos esgotados, restando-nos apenas a felicidade de saber que há outras pessoas com estilos de ideias também pouco amadurecidas, que se esforçam tanto ou mais do que nós, cada uma delas compensando a sociedade daquilo que os outros e eu não somos capazes de fazer. Por isso agradeço sinceramente a T. o ter dito que o meu estilo é pouco amadurecido: compreendeu-me. E se se entendesse neste meu agradecimento uma certa ironia, um processo estilístico portanto, bastaria acrescentar a minha discórdia com duas afirmações de T. para se compreender que o meu agradecimento não é simulado.

Por um lado não é nenhuma injustiça não se assinalar a minha actividade na imprensa algarvia; aliás é até uma justiça. Pois se isso fosse injustiça, haveria a obrigação mútua de nos assinalarmos não seria assim? E qual seria então o critério mais justo para o uso de tal estilo comparativo?

Discordo depois com o uso da conjunção *todavia*. Uma adversativa portanto em qualquer que seja o estilo. E porquê é que discordo? Porque um estilo de ideias nem sempre fácil e pouco amadurecido pelos motivos que atrás apontei, não é obstáculo para despertar a atenção dos algarvios. Seria obstáculo se o estilo em questão fosse o literário.

Todavia (a agora sim, adversativa) o Algarve precisa mais de ideias do que de estilos literários desde que não se lute por qualquer coisa mas por tudo o que seja desenvolvimento.

Obrigado pois amigo T. pela tua saudação e por teres dado motivo a esta reflexão sobre a nossa responsabilidade intelectual.

Foi criada em Bensafrim uma comissão destinada a angariar fundos para as pessoas mais atingidas pelo tremor de terra

Em Bensafrim, foi constituída uma comissão angariadora de fundos que reverterão a favor dos atingidos pela catástrofe do dia 28 de Fevereiro mais necessitados daquela aldeia. A comissão é formada pelos srs. António da Silva Bago d'Uva, presidente da Junta de Freguesia; José Luís Marreiros, secretário; Francisco Lopes Rio, tesoureiro; Manuel Lourenço Pacheco, regedor; rev. Júlio Tropa Mendes e Augusto Rodrigues Pacheco, escrivão, e os donativos poderão ser-lhe enviados directamente ou para as agências de Lagos dos Bancos Português do Atlântico ou Nacional Ultramarino.

Foi empossado o novo presidente da Câmara Municipal de Monchique

Na tarde de segunda-feira decorreu no salão nobre do Governo Civil do Distrito, a posse do sr. dr. Joaquim Vaz Palma no cargo de presidente da Câmara Municipal de Monchique. Presidiu o sr. dr. Manuel Esquivel, chefe do Distrito, estando presentes individualidades do maior relevo na vida da Província e grande representação das forças vivas daquele concelho.

Após a leitura do auto de posse, pelo dr. Manuel Fonseca, secretário-geral do Governo Civil, o empossado prestou juramento, usando depois da palavra o sr. dr. Manuel Esquivel que agradeceu a colaboração do sr. dr. Arsénio Moreira, presidente cessante e prometeu o melhor apoio ao novo presidente.

O sr. dr. Vaz Palma, que é natural de Castro Marim e há muitos anos exerce medicina naquela zona do barlavento algarvio, disse do seu empenho em trabalhar para o progresso de Monchique.



MÁQUINAS PINHEIRO

A MAIOR FÁBRICA E ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE MÁQUINAS PARA TRABALHAR MADEIRA

Sede — TROFA

FILIAIS

Lisboa — Rua Filinto Elísio, 15 C
Portimão — Rua Inf. D. Henrique, 184

PR'Ó ANO DESFOLHO EU!

por Simplício Fortunato

ESTOU mesmo a ver que muita gente vai pensar que endoideci. Mas que mal há em concorrer ao Festival da Canção-70? Foi um amigo que me convenceu e não me pareceu ideia desafortunada. É verdade que não sei nada de música e não consigo distinguir uma nota do tamanho de um comboio, mas também me parece que isso não constitui impedimento nem está previsto no regulamento... De resto, como o nível tem vindo a baixar de ano para ano, julgo até que ninguém dará por nada.

Já sei que não será fácil ganhar aquilo, claro. No entanto, tenho grandes esperanças, pois penso seguir caminhos diferentes dos habituais e utilizar alguns truques desconhecidos até hoje. Assim, para começar, vou fazer uma canção diferente. Estou a ver daqui alguns dos meus amigos a dizerem já, que é isso, precisamente, o que todos os compositores têm tentado de há seis anos para cá; mas enquanto eles têm feito uma canção diferente, que é igual às outras, a minha vai ser diferente mesmo, até porque, como já disse, não percebo nada de música e, por isso, essa não poderá ser igual a coisa nenhuma, nem mesmo parecida com isso mesmo.

Como todos os homens, costume cantar de manhã, na casa de banho, durante as abluções mesmo depois do meio do mês, que é quando a natureza humana fica mais triste. E, cantando, estou sempre a compor canções, porque, com este ouvido e esta voz que Deus me deu nunca consigo aproximar-me daquilo que pretendo cantar.

Penso ir a casa de pessoa que escreva música correntemente, assim como a gente escreve à família a dizer que a «massa» se acabou e que o mês ainda não. Cantolhe uma das minhas e peço-lhe para a pôr no papel, «talqualmente». Uma vez na posse do papel musicado, envio-o para o concurso. E repito esta operação umas cinquenta vezes, com canções diferentes, evidentemente. E que aquilo para o ano deve ser tão mau, que o júri seleccionador terá de fazer um sorteio, naqueles prismas com muitas faces de vidro, que andam à roda, para escolher as dez canções a apresentar ao júri nacional. E eu tive sempre azar com rifas. Assim, tendo lá umas cinquenta, talvez me calhe alguma. E, quem sabe?, numa hora de sorte, até poderei ganhar umas cinco... que foi coisa nunca vista.

Não sei porquê, mas palpitava-me que, no próximo ano, se vai saber pelos jornais quais os autores, canções e intérpretes das dez seleccionadas... Nessa altura, terei oportunidade de fazer o balanço ao meu futuro.

Suponhamos que me sai apenas uma. Terei, então, de puzar todos

os cordelinhos para conseguir vencer. Com manha e cabeça tudo se alcança. Apliquemos, portanto, um velho truque muito conhecido, embora nunca tenha sido utilizado nestes festivais! Deixo passar uns dias e vou dizer que já não quero a intérprete que designara e que pretendo substituí-la por outra, por exemplo, a Ivone de Pereira. Tudo combinado, claro. A cançonetista preterida vai para os jornais e diz que não há direito, que mais isto e mais aquilo. Eu saio à estacada e esclareço que ela é quase desconhecida, enquanto que a outra tem um nome que, só por si, é um êxito. O que é preciso é dar a impressão ao «Zé» de que se está a mexer no lixo, que é material que atrai sempre as moscas. Podemos até prolongar esta polémica durante algum tempo, para dar nas vistas. E então altura de tentar umas cunhazitas para umas entrevistas na Rádio, em que podem entrar o autor da canção (sou eu), a artista preterida, a preferida e também se arranja um lugar para o escrevinhador da música. Todos farão da canção, mencionando o seu nome dúzias de vezes. Deste modo, quando chegar o dia da votação, pouca gente se lembrará dos nomes das canções que leu nos jornais, mas saberá o nome da minha, de cor e salteado, como sabe o do «pó que lava mais branco» e o da margarina «que é muito melhor que a outra».

E aqui está o meu truque. Alguns pessimistas irão dizer que isso não pega, que nessas coisas é preciso sorte, que o júri é geralmente constituído por pessoas escolhidas pelo regedor lá da terra sem atender à sua competência, etc. E deixá-los falar... O que conta, nos nossos dias, é a publicidade, e o júri, mesmo sem querer, há-de ser influenciado por ela.

Já agora, gostaria de sossegar os que pensam que, depois de conquistar o primeiro prémio cá de dentro, me vou atirar com unhas e dentes ao lugar cimeiro da Eurovisão. Não, isso é coisa que já me não interessa. Evidentemente que não está em causa a qualidade da canção, porque, pela amostra, é provável que venham a aparecer muito piores que a minha. A questão é outra. Não sei porquê, palpitava-me que para o ano quem vai decidir o primeiro lugar é uma conhecida casa de discos, que, por sinal, até já tem o acetato gravado e com uma cinta que reza mais ou menos assim: «Vencedor da Eurovisão-70». Não, não é a Amália, Escusam de se pôr a adivinhar, porque eu quase sei quem é, mas não posso dizer. O que importa é que já deve estar escolhida e a minha avó dizia que contra a força não há resistência...



«Redingote» com mangas «raglan», de flanela de pura lã «beige», abotoado ao lado. Modelo de Barentzen.

BRISAS do GUADIANA

Uma falha que desfeia bastante Vila Real de Santo António

Já falámos nisto, há uns meses, mas o passarmos lá todos os dias (quatro vezes ao dia) e vemos o quadro desagradável, faz-nos voltar ao assunto. E nem só por passarmos e vermos. Também nos lembra que estamos em

Março, daqui a dois ou três meses é Verão pleno, talvez tudo até lá continue na mesma, e o quadro, por desagradável, vai fixar-se na memória dos milhares, muitos milhares que por lá passam.

E mesmo ali, pouco depois da entrada na vila, frente à Escola Feminina, na volta para a Avenida do Farol. Ali, onde foi o Teatro Alexandre Herculano e mais tarde a esplanada dos bombeiros da Vila Real de Santo António. Agora, não é nada, apenas um misto de ruína e de abandono, com muitos buracos e a erva a crescer livremente por eles.

Pensa-se — sabemos-lo — em urbanizar o local, que ficará bonito e valorizará sobremaneira a terra. Mas... quando?

Talvez a espera venha a tornar-se demasiado longa, não por culpa de quem projecta, mas pela força das circunstâncias. E até lá, um jardim ou logradouro público resolveria o problema, disfarçando a feição antitética do recinto e imprimindo-lhe a vida e alegria de que agora parece ser a negação. E que aquilo, assim, mostra-se deveras feio e dá uma ideia de desleixo e abandono que, sabemos, não se enquadrará nos propósitos de quem está ao leme do «barco» vila-realense.

JORNALISMO NEGATIVO

A notícia chegou ao diário lisboeta e ao recebê-la o jornalista, género «posso, quero, mando», de garra (adunca, neste caso), cogitou, cogitou e resolveu deitar-lhe uns pós de sensacionalismo: «— Vamos ver o que diz aqui este palerma — perguntou-se. — Ah! fala do mercado da verdura, lá do sítio. Mas não diz que o mercado é porco! Pensando bem, qual o mercado que o não é? Pronto, já está. O mercado não tem higiene, precisa de ser higienizado. Isto, assim, agrada mais ao leitor. Que diz mais? Que tem falta de cal, Belo, a cal costuma ser branca. Já está! O mercado tem falta de cal branca nos torreões. Adiante. Quando chove, alguns vendedores e compradores têm de abrigar-se. Qual alguns! Alguns não é nada! Tem de ser todos, se não a notícia não presta. Bem, todos é demasiado. Vá lá, muitos. E pronto. Assim o palerma até vai ficar satisfeito, transformado em herói local. Se houver alguma falha, só eles, lá na terra, é que sabem. O resto do País limitar-se-á a admirar o desassombro da notícia.

E assim se forjam inexactidões, ditadas por gente de boa fé, os «palermas», e que os «esportos» aproveitam para os seus êxitos. O pior é que, nos meios pequenos, os «palermas» vão escasseando e por este andar, qualquer dia os «esportos» deixam de ter quem os sirva.

S. P.



BOMBEIROS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

SERVIÇO DE
22 SOCORROS
2 PERMANENTE

PRONTO PARA O SERVIR
A PRIMEIRA CHAMADA

DOCES REGIONAIS DO ALGARVE:

O melhor sortido encontram V. Ex.ª na CASA AMÉLIA TAQUELM GONÇALVES (CASA DOS DOCES REGIONAIS), Rua da Porta de Portugal, 27 — Telefone 82 — Lagos. — Remessa para todo o País.